



UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AFROPYTHON – ENEGRECENDO A TECNOLOGIA

Domício Felipe Martins Júnior

Porto Alegre, 2023.

Domício Felipe Martins Júnior

AfroPython – Enegrecendo a Tecnologia

Monografia apresentada no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília Luz
David

Porto Alegre, 2023.

RESUMO

Este trabalho analisa como ativistas negros profissionais em tecnologia da informação e comunicação (TIC) atuam contra o racismo em seus ambientes de trabalho, utilizando como estudo de caso o grupo AfroPython formado em Porto Alegre (RS). Para tanto, investiga através de entrevistas com integrantes do grupo e participantes de eventos promovidos pelo grupo como são formadas suas associações, a identificação de suas controvérsias e grupos rivais. Esta pesquisa também recorre à análise de discurso de material publicado de maneira *online* pelo grupo. Articulando em seu referencial teórico perspectivas da Teoria Ator-Rede, e das discussões sobre neutralidade tecnocientífica, racismo estrutural e racismo algorítmico.

Palavras-chave: ação coletiva; racismo estrutural; estudos sociais das ciências e das tecnologias; racismo algorítmico; neutralidade científica e tecnológica

ABSTRACT

This work analyzes how black activists who work with information and communications technology (ICT) act against racism in their work environments, using the AfroPython group formed in Porto Alegre (RS) as a study case. To do so, it investigates through interviews with members of the group and participants of events promoted by the group how their associations are formed, the identification of their controversies and rival groups. This research also uses discourse analysis of material published online by the group. Articulating in its theoretical framework perspectives of the Actor-Network Theory (ANT), and discussions on techno-scientific neutrality, structural racism and algorithmic racism.

Keywords: collective action; structural racism; social studies of science and technology; algorithmic racism; scientific and technological neutrality

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Desigualdades sociais por cor ou raça na sociedade brasileira.....	20
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAA - Triplo A

ANT - Teoria Ator Rede

IBGE - Instituto Brasileiro de Economia e Estatística

MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts (Massachusetts Institute of Technology)

RU - Restaurante Universitário

TI - Tecnologia da Informação

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UniRitter - Centro Universitário Ritter dos Reis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. TECNOLOGIA, RACISMO E ATIVISMO	13
2.1 Introdução.....	13
2.2 Apresentação.....	13
2.3 As relações entre os meios informacionais e o racismo nas Ciências Sociais.....	15
2.4 Neutralidade tecnológica e científica, uma impossibilidade.....	16
2.5 Racismo estrutural e tecnologia.....	18
2.6 Sociedade racista, algoritmos racistas.....	21
2.7 Ativismo <i>online</i> e <i>offline</i>	23
3. AFROPYTHON, MUITO MAIS DO QUE <i>PYTHON</i>	26
3.1 Introdução.....	26
3.2 Mais do que <i>Python</i>	26
3.3 Código de conduta.....	28
3.4 Da comunidade à empresa.....	29
4. QUEM ESTÁ NA SALA DE BATE PAPO	30
4.1 Introdução.....	30
4.2 Buscando rede.....	30
4.3 Compartilhando dados.....	30
5. ENEGRECENDO A TECNOLOGIA	33
5.1 Introdução.....	33
5.2 Estabelecendo conexão.....	33
5.3 Afogados em tecnologia.....	34
5.4 Formação: a primeira prova.....	35
5.5 Barreiras estruturais.....	37
5.6 Derrubando barreiras.....	39
5.7 Quilombo digital.....	41
5.8 Combatendo vieses.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICES	55

1 – INTRODUÇÃO

Desde o momento em que tomei conhecimento da existência do AfroPython, um coletivo de profissionais negros na área de tecnologia da informação e comunicação (TIC) que se formou a partir de 2017 em Porto Alegre (RS), a vontade de saber mais sobre essa comunidade tecnológica me acompanha. A tecnologia e as ferramentas tecnológicas me despertam curiosidade há muito tempo. Elas estão marcadas na minha vida desde a infância pela presença da primeira geração de videogames, sigo um usuário de jogos eletrônicos, e acompanhando a evolução tecnológica dos aparelhos. Profissionalmente como comunicador a utilização da tecnologia no auxílio das minhas funções é cada vez mais frequente e necessária (*softwares* de edição, captação de imagens digital, transmissão de sinal, redes sociais, plataformas de compartilhamento de conteúdos digitais, armazenamento em nuvem, *softwares*, plataformas de *streaming*¹, etc...). Porém, minha curiosidade em relação ao grupo não se origina pela tecnologia em si, mas para quem a comunidade é direcionada: pessoas negras. Então, eu enquanto profissional negro de comunicação que faz uso dos espaços que ocupa para promover ações antirracismo e o protagonismo de pessoas negras visualizei imediatamente o AfroPython como pauta.

Em 2018 me aproximei do grupo buscando informações para os veículos nos quais trabalhava na época, para divulgação do AfroPython Palmares e edição de matéria jornalística de cobertura do evento. Já acadêmico de Ciências Sociais nesse período, e instigado pelas possibilidades de investigação da área, outras curiosidades surgiram enquanto produzia essa pauta. Questionamentos que foram levados à universidade durante uma aula da disciplina de Introdução À Pesquisa Social, como exercício teórico, e identificados como uma possibilidade de tema de pesquisa pela Prof.^a Dr.^a Luciana Garcia de Mello. Assim, ao participar, no ano seguinte, da AfroPython Conf 2019 deixei de lado o “filtro no olhar” do comunicador e acionei o do cientista social. Essa observação participante marcou um contraponto em relação ao evento anterior. Em 2018, o AfroPython Palmares, com suas oficinas de programação e palestras sobre temas ligados ao mercado de trabalho em Tecnologia da Informação e Comunicação, havia me deixado otimista com as possibilidades que esse mercado poderia oferecer a pessoas negras. Já, na edição da AfroPython Conf 2019, os relatos compartilhados por profissionais atuantes no mercado de tecnologia me chamaram atenção para um cenário bem menos animador, onde o racismo se reproduz nos

¹ Transmissão de conteúdo via internet com acesso sem necessidade de carregamento do arquivo no dispositivo (*download*)

ambientes de trabalho e nos produtos desenvolvidos. Situações que influenciam na formação de subjetividade de pessoas negras, interferem na construção de identidades e reforçam desigualdades estruturais existentes. Problemas sociológicos que se travestem de objetividade tecnológica e científica no desenvolvimento de produtos e serviços, e de neutralidade falseada por critérios de meritocracia² no momento da contratação de profissionais.

Desta trajetória desde a minha descoberta das ações do grupo, passando pela motivação em divulgá-las nos meios de comunicação, até a observação e análise dos relatos e das denúncias compartilhadas por profissionais negros em TIC com auxílio da teoria sociológica, surge minha pergunta de pesquisa: Como profissionais negros de TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) se mobilizam e agem contra o racismo no mercado de trabalho e espaços informacionais e digitais? Busco essa resposta a partir da análise das práticas de atuação e mobilização antirracista do AfroPython, grupo formado em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) no ano de 2017. Procuo destacar o protagonismo destas pessoas negras ao agirem individualmente ou em grupo, denunciando e promovendo ações para o enfrentamento do racismo nos ambientes de trabalho e digitais, buscando inserir pessoas negras para o aumento da diversidade dos profissionais que atuam em TIC. Tais ações têm tensionado as relações de poder e ajudado pessoas negras a se inserirem em espaços tradicionalmente reservados aos brancos, e a formação de público consumidor de tecnologia mais crítico e etnicamente consciente. Assim, a pesquisa tem foco na agência dessas pessoas negras, participantes do grupo AfroPython, na divulgação de suas práticas antirracistas e de suas percepções de mundo e de luta por transformação através da diversidade e do conhecimento.

Esta pesquisa se insere na intersecção dos campos da Sociologia Digital, dos Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, da Sociologia da Ação Coletiva e dos Movimento Sociais e da Sociologia das Relações Raciais passando por abordagens que debatem o Racismo Estrutural e o Racismo Algorítmico e a suposta “Neutralidade” Tecnológica e Científica. Ela procura contribuir com os estudos sociológicos que analisam a luta antirracista de movimentos de profissionais negros em TIC e as manifestações do racismo nos meios informacionais e digitais e no desenvolvimento de

² É a ideia de que o esforço individual é o único fator a explicar o sucesso de pessoas – no âmbito escolar, no mercado de trabalho – excluindo, assim, a história social do grupo a qual elas pertencem e com o contexto nos quais estão inseridas como fatores explicativos de tais trajetórias. Desconsidera-se, com isso, os processos de socialização que transmitem as competências – as habilidades cognitivas e emocionais – necessárias para que alguém tenha sucesso em diferentes situações (Bento, 2022, p.21).

produtos e serviços em TIC (racismo algorítmico) – temas ainda pouco explorados na literatura sociológica contemporânea. Além disso, a pesquisa apresenta dados e uma análise da experiência de um grupo situado no Rio Grande do Sul – uma experiência que ainda não aparece na literatura brasileira. Segundo Benjamin (2020) a tecnologia é um dos muitos meios pelos quais formas anteriores de desigualdades são atualizadas, por esse motivo, é necessário que pesquisadores façam um balanço constante das ferramentas conceituais que usamos para entender a dominação racial (Benjamin, 2020, p.19)

Para analisar as práticas de grupos de profissionais negros em TIC atuantes na luta antirracista, tomando como estudo de caso o grupo AfroPython fez-se necessário cumprir dois objetivos específicos: analisar a trajetória de formação do grupo AfroPython e investigar os métodos pelos quais profissionais negros de TIC que participam do grupo AfroPython se posicionam e entendem o racismo nos seus locais de trabalho e ambientes digitais/informacionais. Para tanto, fui a campo para produzir dados que contemplem o cumprimento desses objetivos fazendo uso do recurso de entrevistas semiestruturadas, realizadas por videochamada com membros do grupo e participantes de eventos promovidos pelo grupo para posterior análise temática de seus depoimentos. Além das entrevistas com meus cinco interlocutores, utilizo como fontes documentais textos de divulgação do grupo publicados *online* (*website* sessões “Quem somos”³ e “Código de conduta”⁴) e vídeos de eventos *online* (Sala Abdias do Nascimento – AfroPython Conf 2022⁵ e Sala Lélia Gonzalez - AfroPython Conf 2022⁶) que também tiveram seus discursos analisados ao longo da pesquisa.

3 Disponível em www.afropython.org/quemsomos . Acesso em 23/05/2023.

4 Disponível em www.afropython.org/codigodeconduta . Acesso em 23/05/2023.

5 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mVVKCvHpNPk&t=598s> . Acesso em 23/05/2023.

6 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h75C0r83xhE&t=1831s> . Acesso em 23/05/23.

A realização das entrevistas partiu da composição de um questionário semiestruturado de perguntas orientado pela Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) que buscou auxiliar na compreensão de como o grupo se autodefine através da identificação de seus antagonistas, da identificação dos problemas a serem resolvidos pelo grupo e as soluções propostas pelo grupo a esses problemas. As entrevistas foram realizadas através de aplicativo de videochamada *online* e gravadas em formato de vídeo digital (MP4), para posterior transcrição e análise com auxílio do *software* NVIVO. As mesmas orientações metodológicas foram utilizadas na análise dos discursos a partir dos dados documentais e entrevistas gerando categorizações, que são apresentadas no Capítulo 4 “Quem está na sala de bate papo” e organizaram a estrutura do Capítulo 5 intitulado “Enegrecendo a tecnologia”, no qual apresento os resultados da análise de meu trabalho de campo. Nas seções do Capítulo 5 os discursos dos entrevistados identificados com as trajetórias de formação técnica, acadêmica e profissional, com a percepção de problemas nessas etapas e as suas iniciativas para solucionar esses problemas, bem como os depoimentos onde os interlocutores se auto identificam, identificam o grupo e seus grupos antagonistas aparecem como base para tradução destas conversas para a teoria sociológica que orienta a escrita deste trabalho. No Capítulo 4 é apresentado um panorama socioeconômico dos cinco interlocutores que contribuíram com este trabalho.

O referencial teórico desta pesquisa é apresentado no Capítulo 2, intitulado- “Tecnologia, racismo e ativismo” no qual apresento os desdobramentos originários de meu problema de pesquisa e as bases teóricas nas quais o desenvolvimento deste trabalho está fundamentado, evidenciando três principais abordagens: a neutralidade científica e tecnológica, o racismo estrutural e a ação coletiva. Apresento um breve levantamento histórico sobre pesquisas em Ciências Sociais envolvendo essas abordagens.

No Capítulo 3 intitulado “Afropython, muito mais que *Python*” apresento um percurso histórico do grupo AfroPython e o desenvolvimento de suas ações através de eventos de formação e qualificação de pessoas negras com o objetivo de inseri-las no mercado de trabalho de TIC. A partir da análise de dados reunidos a partir de material *online* publicado pelo grupo, entrevistas com

membros e participantes de eventos promovidos pelo grupo construí uma análise que ajuda a entender a sua trajetória de atuação, desde a formação do coletivo até a criação de seu eixo de atuação empreendedora.

Por fim, esta pesquisa em sua conclusão analisa como as práticas protagonizadas pelo grupo e por seus integrantes se contrapõem aos efeitos negativos do racismo no mercado de trabalho de profissionais de TIC, nos ambientes digitais e informacionais e na formação de subjetividades da população negra.

2 – TECNOLOGIA, RACISMO E ATIVISMO

2.1 - Introdução

Neste capítulo apresento o problema de pesquisa e as bases teóricas nas quais o desenvolvimento deste trabalho está fundamentado, evidenciando três principais abordagens que guiam as discussões seguintes: a neutralidade científica e tecnológica, o racismo estrutural e a ação coletiva. Também apresento um breve levantamento histórico sobre pesquisas em Ciências Sociais envolvendo as abordagens citadas. Além de introduzir conceitos, como racismo algorítmico, importantes para análise das práticas antirracistas do grupo AfroPython, formado em Porto Alegre por profissionais negros de Tecnologia da Informação e Comunicação, objeto dessa pesquisa.

2.2 - Apresentação

Esta pesquisa analisa como profissionais negros de TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) se mobilizam e agem contra o racismo no mercado de trabalho e espaços informacionais e digitais a partir da análise das práticas de atuação e mobilização antirracista do AfroPython, grupo formado em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) no ano de 2017. Sendo as dinâmicas sociais relacionais, volto meu olhar a quem está tensionando essas relações de desigualdade surgidas no mercado de trabalho e formação destes profissionais e nos espaços informacionais e digitais analisando o caso das práticas do AfroPython e de seus ativistas. Busco com esta pesquisa analisar como se dá a luta antirracista neste setor, ainda pouco estudado pelas Ciências Sociais no Brasil. A crescente relevância da tecnologia informacional e das interações digitais nas dinâmicas sociais são algumas das evidências da importância da discussão deste tema, ainda pouco estudado pela Sociologia, conforme indica Gillespie (2018) “implicações sociológicas dos designs dos bancos de dados têm sido amplamente ignoradas; mas é preciso ter em mente que os estilos das bases de dados criaram políticas, além de apenas criar ferramentas informacionais essenciais para o funcionamento dos algoritmos” (Gillespie, 2018, p. 100).

Ainda são escassas as publicações brasileiras no campo da Sociologia sobre fenômenos emergentes desta conjuntura como o ativismo digital definido “como a junção da relação tecno-humana que representa um novo modelo de organização social, nos espaços digitais; influenciando

o fortalecimento dos movimentos sociais” (Borgh, 2020, p. 2) e o racismo algorítmico, fenômeno que reproduz situações de racismo através da tecnologia e dos meios informacionais e digitais, apresentando-se como o modo pelo qual “a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social, recursos e violência em detrimento de grupos minorizados” (Silva, 2022, p.69). Tal situação me estimulou a buscar com esta pesquisa acrescentar aos estudos sociológicos um estudo de caso de um grupo recente e não pesquisado em atividade no Rio Grande Sul.

Para avançar na análise da luta antirracista de profissionais negros de TIC é preciso entender os ambientes digitais e informacionais como espaços nos quais se reproduzem dinâmicas sociais, (como as relações de poder, disputas de narrativas ou discursos supremacistas), pois estes ambientes são construídos por seres humanos inseridos nestas dinâmicas da ordem social. Além disso, é necessário investigarmos as redes estabelecidas por estes indivíduos e considerarmos outros atores (humanos e não humanos) com os quais eles mantêm relação. Assim, o aparato tecnológico necessário para inserção nos ambientes digitais e informacionais como computadores, redes de banda larga de internet, aplicativos, aparelhos de telefonia móvel ou linguagens de código de programação serão considerados atores que atuam nas dinâmicas sociais do grupo pesquisado, conforme observa a literatura sociológica que orienta este trabalho (Latour, 2012). Para analisar essas transformações nas interações mediadas digitalmente, as manifestações do racismo nas mesmas e as reações dos grupos minorizados, recorro aos estudos inscritos na Sociologia Digital, nos Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, na Sociologia da Ação Coletiva e dos Movimento Sociais e na Sociologia das Relações Raciais passando por abordagens que debatem o Racismo Estrutural e o Racismo Algorítmico, Ativismo Digital e a suposta “Neutralidade” Tecnológica e Científica.

Os debates que problematizam a neutralidade científica e tecnológica são pontos fundamentais para o início da investigação teórica desta pesquisa, ressaltando que “toda a produção de conhecimento humano deve ser sociologicamente investigada, e não apenas auto explicada, incluindo as teorias que se sagram comprovadamente exitosas” (Bloor, 2009). Além disso, com o auxílio de teorias como a do ator-rede (Mol, 2008), é possível repensar o carácter supostamente estável e imutável de uma realidade – como a lógica de funcionamento das tecnologias da informação e comunicação - que é localizada histórica, cultural e materialmente. Seguindo por esta

abordagem podemos chegar nos questionamentos sobre a objetividade das ferramentas de automatização de processos computacionais como algoritmos, como indica Gillespie (2018): “embora os algoritmos possam parecer automáticos e intocáveis pelas intervenções de seus provedores, esta é uma ideia cuidadosamente elaborada” (Gillespie, 2018, p. 107). Sendo o racismo uma das possibilidades de viés algorítmico, será necessário analisá-lo na sociedade brasileira através de suas concepções: individualista, institucional e estrutural. A concepção de racismo estrutural na qual “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’, com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (Almeida, 2019, p55) também é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ainda no campo dos debates sobre relações raciais, mas em intersecção com as discussões sobre ciência e tecnologia as abordagens sobre racismo algorítmico – que apontam que decisões tecnologicamente automatizadas incorporam e reproduzem relações de poder e opressão existentes na sociedade - e a teoria de “dupla opacidade” na qual “os discursos hegemônicos invisibilizam tanto os aspectos sociais da tecnologia quanto os debates sobre a primazia de questões raciais nas diversas esferas da sociedade – incluindo a tecnologia, recursivamente” (Silva, 2020 p.432), também são de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho.

2.3 – As relações entre os meios informacionais e o racismo nas Ciências Sociais

Estudos sobre questões identitárias em ambientes digitais avançam simultaneamente com os estudos da própria internet, principalmente nos campos da Comunicação e da Sociologia. Conforme indica Silva (2020):

“As reflexões sobre representação e grupos minorizados em tecnologias digitais ganharam fôlego desde a década de 1990 inicialmente a partir de desdobramentos sobre os estudos em torno do conceito de fosso digital e desigualdade de acesso... A evolução de características sociotécnicas da internet como multiplicação de plataformas digitais de interação tais como mídias sociais, conexão pervasiva e mobile, alta velocidade de transferência de dados, centralidade da imagem, plataformas de vídeo e aumento da população conectada trouxe mais debates sobre raça e comunicação digital” (Silva, 2020, p. 430).

No entanto, visualizo como uma lacuna na literatura das Ciências Sociais a escassa produção de estudos sociológicos que interseccionam os temas do racismo e da ciência e tecnologia. Com a

produção desta pesquisa procurei contribuir para este campo de estudos a partir da análise de uma experiência situada no Sul Global⁷ investigando a luta antirracista de um movimento de profissionais negros de TIC de Porto Alegre que atuam em ambientes informatizados e digitais. Análises que tratam do viés algorítmico associado a práticas racistas atualmente corresponde a um campo de estudos em expansão. Simões-Gomes, Roberto e Mendonça (2020) fizeram um balanço das publicações no campo das Humanidades sobre o tema do viés algorítmico, tendo por base artigos presentes nos principais portais de periódicos nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa, a partir das palavras-chave: “Viés Algorítmico” “Algoritmo” “Discriminação” e “Sociologia Digital”. O artigo indica que a discussão está mais avançada em países onde o acesso à tecnologia é mais amplo. No cenário internacional dos 123 artigos analisados 110 deles estão em inglês. A América do Norte, a Europa Continental, e o Reino Unido somam 89,4% desta produção e 83,4% da produção ocorreu a partir de 2016, estando as pesquisas distribuídas da seguinte forma no campo das Humanidades: 27% Direito, 25% Interdisciplinar, 12,3 Sociologia, 10% Comunicação. Entre as publicações nacionais os autores tiveram uma dificuldade ainda maior em sua pesquisa porque encontraram apenas cinco artigos, o que os levou a buscar outros tipos de produção na literatura nacional (Simões-Gomes; Roberto; Mendonça, 2020, p. 144). Isto levou a pesquisa a agregar teses e dissertações, além de artigos em anais de congresso entre 2017 e 2020. Deste balanço provisório os autores identificaram na literatura internacional um predomínio de trabalhos feitos no Norte Global, escritos em formato de ensaio literário e com baixo desenvolvimento teórico e empírico sobre o tema (Simões-Gomes; Roberto; Mendonça, 2020, p. 157) e como característica geral entre as principais conclusões dos trabalhos nacionais e internacionais o ensaio conclui que “a tecnologia é um produto social, na medida em que a sociedade interfere nas suas condições de produção e circulação, mas também na constituição dos valores e subjetividades dos agentes que as produzem.” (Simões-Gomes; Roberto; Mendonça, 2020, p. 158).

2.4 – Neutralidade tecnológica e científica, uma impossibilidade

Vivemos em um mundo onde nossas atividades diárias estão cada vez mais mediadas pelo uso da tecnologia. Os produtos inteligentes, “*smarts*”, se tornaram algo comum e próximos de

7 Assim como o “Terceiro Mundo”, o Sul Global não pode simplesmente ser visto como um conjunto de países não desenvolvidos e não modernos, localizados nas zonas ex-coloniais do globo. Existem diferentes significados para as duas categorias, as quais não devem ser compreendidas em um sentido exclusivamente geográfico ou territorial. Ambos os termos foram capazes de projetar uma identidade geopolítica subalterna, reivindicando um diferente caminho de pertencimento no sistema e na sociedade internacional (BALLESTRIN, 2020).

muitos de nós. São celulares, aparelhos de TV, relógios, refrigeradores, aparelhos de som, utensílios como lâmpadas, câmeras e fechaduras que podem transformar até nossa casa em um “lar *smart*”. Tudo devido a sua conexão com a *web* e seu poder de “tomar decisões” por nós, através do processamento das informações que disponibilizamos constantemente em nossas redes sociais, em nossos padrões de comportamento e de interação na *web*. A vida social contemporânea está impregnada de novas tecnologias e dos algoritmos que as compõem, e tal processo de popularização das tecnologias digitais no mundo social gera uma infinidade de dados e metadados sobre nós, compondo os complexos conjuntos de dados em volume e velocidade extraordinários (*Big Data*)⁸, sendo o uso dos sistemas algorítmicos fundamental para automatizar os processos de tratamento, categorização e filtragem desses dados (Simões-Gomes, Roberto e Mendonça. 2020). Porém, depois de processadas e coletadas, estas informações assumem diferentes usos e reflexos na sociedade, transformando-se em mercadorias, impulsionando ou criando tendências de consumo e criando subjetividades (Simões-Gomes, Roberto e Mendonça. 2020). Da ideia de uma sociedade tecnológica, digital e amplamente democrática compartilhada nos laboratórios universitários que desenvolviam pesquisas sobre a internet nas décadas de 1970 e 1980, à promessa de um ambiente virtual livre de reproduções de preconceitos por conta da não materialidade dos corpos dos anos 1990 e início dos 2000, chegamos ao momento no qual os olhares utópicos ainda se voltam para a livre manifestação de expressão nas redes sociais e para a objetividade dos algoritmos como possibilidades de soluções tecnológicas para problemas sociais, tais como a intolerância racial. No entanto, para que possamos entender o quão distante nossa sociedade, por mais avanços tecnológicos e científicos que obtenhamos, ainda está de resolver questões relacionadas à desigualdade racial, vamos pensar juntos: “quem” eram e aonde estavam essas pessoas – sim! cientistas, técnicos, militares ou políticos também são pessoas e por conseguinte têm raça, gênero, orientação sexual, classe social, etc – que estavam nos laboratórios universitários em 1970 e 1980, dispunham de equipamento e internet em 1990 e início dos 2000 e “ensinam” as máquinas a pensarem seus algoritmos hoje? E não à toa, a personificação da sua resposta não deve ter sido muito diferente da descrição de Bill Gates⁹ ou Steve Jobs¹⁰ (homem, branco, hétero, cis, classe média, oriundo do Norte global).

8 O termo Big Data representa grosso modo o grande volume de dados, base para a produção de informações não estruturadas e estruturadas, produzidos de maneira exponencial na contemporaneidade. É notório, porém, que o termo inicialmente usado como forma de identificar esses grandes conjuntos de dados, acabou sendo apropriado pelo mercado global e hoje, com o avanço da TI, se faz presente de forma cada vez mais horizontalizada em um vasto campo de atividades não somente econômicas, mas científicas e políticas. (Pimenta, 2013)

9 Cofundador da Microsoft Corporation

10 1955 – 2011 Cofundador da Apple Inc.

Se as máquinas inteligentes, com seus *softwares* concebidos para facilitar a nossa vida, tomando decisões rápidas a partir de informações que nós mesmos fornecemos, são desenvolvidas com o aproveitamento das tecnologias computacionais de ponta a partir de lógicas matemáticas complexas, porque é necessário problematizarmos esse fenômeno? E porque esta problematização está sendo proposta analisando as práticas antirracistas de grupos de profissionais negros em TIC tomando como estudo de caso o grupo AfroPython? Ou seja, voltando a atenção para um grupo social, racializado e minorizado? Porque é justamente quando ouvimos e olhamos a partir de uma perspectiva sociológica crítica para as práticas que compõem grupos como o AfroPython que podemos encontrar indicativos para, diferentemente do senso comum, afirmar que: o desenvolvimento de tecnologias não acontece em um “espaço” neutro, onde as relações sociais não atuam e as visões de mundo de quem as produz não afetam os artefatos produzidos. Ou seja, o conteúdo da ciência não está dissociado de dinâmicas sócio-históricas, como afirma há muito tempo os Estudos da Ciência e da Tecnologia (Bloor, 2009; Haraway, 1995; Latour, 2012; Winner, 1986). Para tanto, é necessário contestarmos a ideia que confere ao discurso científico e às tecnologias o lugar de “verdade absoluta”, no qual se tem a convicção de que o que é considerado verdade dispensa qualquer explicação sociológica, (Bloor, 2009). Logo, não podemos dissociar sociedade e tecnologia em domínios distintos da realidade. Ciência e tecnologia são determinadas pelo sistema social ou econômico no qual se inserem, sofrendo influências do contexto sócio-histórico em que são construídas “determinação social da tecnologia” (Winner. 1986, p. 197). Tão pouco podemos deixar de procurar a função política de artefatos tecnológicos, como a teoria da política tecnológica demonstra: a tecnologia é politicamente relevante em si e nossa atenção deve estar orientada para o “momentum de sistemas sociotécnicos de larga escala, para a reação das sociedades modernas a certos imperativos tecnológicos e para os modos nos quais as finalidades humanas são poderosamente transformadas na medida em que são adaptadas aos meios técnicos” (Winner. 1986, p. 198).

2.5 – Racismo estrutural e tecnologia

Para entendermos como profissionais de TIC atuam em grupos de ativistas antirracismo no mercado de trabalho e nos ambientes informacionais e digitais é preciso analisarmos também como o racismo opera nestes espaços. Não podemos deixar de lembrar que a sociedade brasileira é profundamente marcada por desigualdades socioeconômicas, onde o desenvolvimento de uma

economia fundamentada em uma sociedade escravista por mais de três séculos e meio ainda se reflete na distribuição de renda do país. Segundo análise dos dados divulgada em informativo do IBGE sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019

“As desigualdades étnico-raciais, reveladas na breve série temporal considerada neste informativo, têm origens históricas e são persistentes. A população de cor ou raça preta ou parda possui severas desvantagens em relação à branca, no que tange às dimensões contempladas pelos indicadores apresentados – mercado de trabalho, distribuição de rendimento e condições de moradia, educação, violência e representação política” (IBGE, 2019, p. 12).

Temos, então, uma população negra que se constitui em uma minoria política - entendendo minoria como grupo com oportunidades econômicas, sociais e políticas desiguais, representando para eles, menor liberdade de escolha e limite para o autodesenvolvimento – que ao mesmo tempo forma 55,8% da população nacional – este é o percentual que se declara negra, somatório dos pretos e pardos (IBGE, 2019). A mesma pesquisa, realizada em 2019, mostra que a população negra se encontra em maior vulnerabilidade social com índices de renda, ocupação, acesso à moradia e condições de habitação muito abaixo em comparação a população branca. Como podemos observar nos dados da Figura 1 que faz parte do informativo, publicado pelo IBGE em 2019, que apresenta uma análise focalizada nas desigualdades sociais por cor ou raça, a partir da construção de um quadro composto por temas essenciais à reprodução das condições de vida da população brasileira, como mercado de trabalho, distribuição de rendimento e condições de moradia e educação.

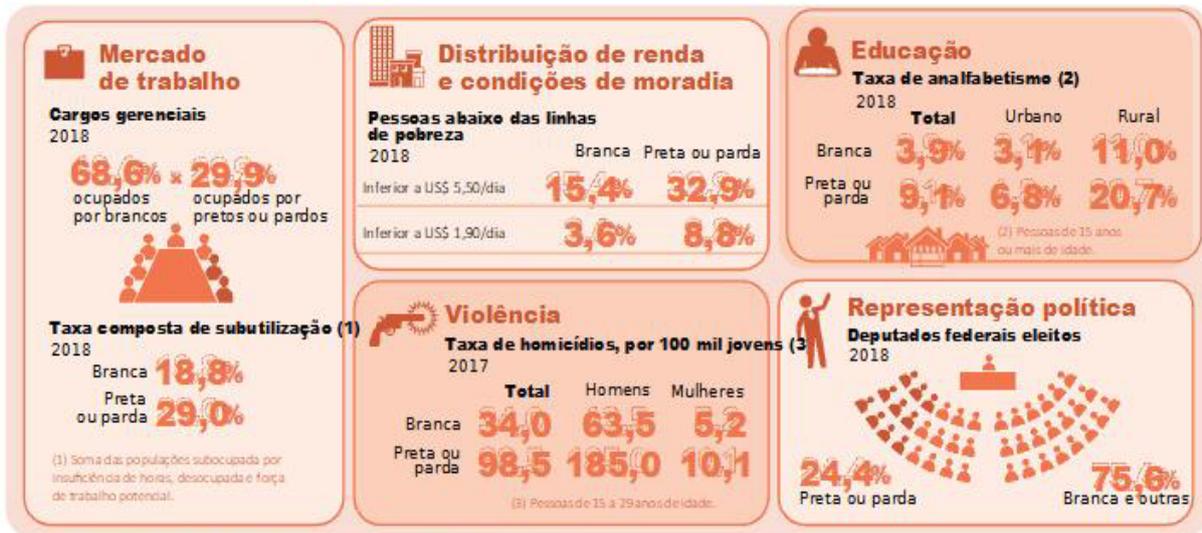


Figura 1 – desigualdades sociais por cor ou raça na sociedade brasileira.

Fonte: IBGE / Instituto Brasileiro de Economia e Estatística

Estes dados indicam uma sobreposição entre pobreza e raça no Brasil, e a manutenção de tais condições por meio de práticas circunscritas em uma estrutura racista. Sendo o racismo “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios a indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertencem” (Almeida, 2019, p. 32), ele se manifesta em espaços institucionais como escolas, universidades, empresas e laboratórios de tecnologia ou agências públicas reguladoras de comunicação. Vale indicar que as instituições estão situadas e funcionam em uma estrutura social e histórica previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes – de maneira que o racismo presente em determinada instituição não pode ser explicado apenas por sua lógica de funcionamento, mas deve-se levar em conta a estrutura (ex. Trajetória histórica e política da sociedade) em que se situa (Almeida, 2019). Conforme indica Almeida (2019), as instituições são racistas porque a sociedade é racista. “As discriminações à população negra são vistas nas mais diversas camadas que compõem uma sociedade desde a família até a produção científica” (Chagas; Santos, 2020, p. 181), por isso investigar as práticas antirracistas de profissionais negros de TIC é também buscar entender as desigualdades e relações de dominação que são reproduzidas por meio de lógicas de produção de dados que alimentam os grandes bancos de dados (*Big Data*), que automatizam processos utilizando algoritmos tratados com suposta objetividade e neutralidade científica, mas que são construídos por vieses racistas, consequência

entre outras tantas, da baixa presença de desenvolvedores e pesquisadores negros nestes campos profissionais.

Em 2019 98,6% dos acessos à internet foram realizados via telefone celular contra 46,2% via computador, sendo que a renda média dos domicílios com computador era de R\$ 2.183, e de R\$ 789 para os domicílios sem computador ou *tablet* (IBGE, 2019). Entre os não usuários de internet no Brasil 43,8% alegavam não saber utilizar a rede e 11,9% achavam o serviço de acesso muito caro (IBGE, 2019). Podemos enumerar esses dados como uma das prováveis causas para o baixo número de formação de profissionais negros em TIC, pois pessoas com menores condições socioeconômicas - lembrando da sobreposição brasileira de raça e pobreza - podem demonstrar menor interesse por formação, ou não visualizarem condições de ingressar neste mercado de trabalho em decorrência da falta de contato com essas tecnologias.

A falta de dados estatísticos para averiguação da real presença de profissionais negros no setor também pode ser tomada como indício de uma provável falta de interesse das empresas em diversidade e representatividade em seus quadros funcionais. Em um dos poucos levantamentos disponíveis, realizado entre 2018 e 2019 a PretaLab¹¹ e a consultoria de *software* ThoughtWork¹² organizaram a pesquisa #QuemCodaBr¹³, com a participação de 693 profissionais de tecnologia no Brasil, na qual 1 em cada 3 participantes relatou não ter nenhuma pessoa negra em sua equipe, o que corrobora com os relatos realizados em encontros e conferências promovidas pelo grupo AfroPython.

2.6 – Sociedade racista, algoritmos racistas

Os algoritmos não são necessariamente *softwares*: em seu sentido mais amplo, são procedimentos codificados que, com base em cálculos específicos, transformam dados em resultados desejados (Gillespie, 2018, p. 97). Silva (2020) observa que “na era computacional digital em sistemas *big data*, a lógica algorítmica foi expandida para processos de inteligência artificial estreita, presente nos sistemas informacionais do cotidiano.” (Silva, 2020, p. 131). A partir

11 Plataforma que conecta mulheres negras interessadas em tecnologia. Disponível em www.pretalab.com. Acesso em 23/05/2023.

12 Consultoria internacional em tecnologia da informação.

13 Disponível em https://www.thoughtworks.com/content/dam/thoughtworks/documents/report/tw_report_quem_coda_br.pdf. Acesso em 23/05/2023

das lógicas algorítmicas é possível instruir o aprendizado de máquina, processo pelo qual teremos a automação das inteligências artificiais que influenciam, por exemplo, no reconhecimento do rosto humano usado: por aplicativos de busca de imagens - ou a associação com fotos de gorilas, caso ocorrido com uma família negra¹⁴; para a interação com softwares - ou a impossibilidade de fazer isso, como o caso denunciado pela pesquisadora Joy Buolamwini¹⁵ que precisou utilizar uma máscara de um rosto branco para conseguir ser reconhecida pelo software que pesquisava; para a identificação por câmeras de vigilância e policiamento - que definem o lugar e o não-lugar de minorias, passíveis de violência física e simbólica e o encarceramento de populações específicas, como aponta o índice de 90,5% de pessoas negras presas no Brasil através da utilização dos recursos de reconhecimento facial, segundo matéria do The Intercept Brasil¹⁶ de novembro de 2019. À medida que adotamos com maior frequência o uso destas “ferramentas computacionais como nossos principais meios de expressão” (Gillespie, 2018, p. 97) e fazendo uso “não só da matemática mas de toda a informação ‘digital’, passamos a sujeitar o discurso e o conhecimento humano a essas lógicas procedimentais que sustentam toda a computação.” (Gillespie, 2018, p. 97). Assim como, é necessário contestar a razão inequívoca da ciência situando sócio-historicamente sua produção de conhecimento, também é necessário investigarmos os algoritmos “não como realizações técnicas abstratas mas, desvendar as escolhas humanas e institucionais”(Gillespie, 2018).

A fim de compreender como se articulam as práticas de desenvolvedores e pesquisadores negros nas TICs essa pesquisa se insere nos campos que analisam o funcionamento e articulação de tecnologia, discriminação, desigualdade e quantificação para abordar temas como a produção de vieses algorítmicos, discriminação algorítmica e racismo algorítmico. Fenômenos inerentes aos ambientes de trabalho e associação do grupo observado. Assim, esta pesquisa buscou ampliar e difundir o entendimento do racismo algorítmico e seus danos à sociedade, se utilizando da definição e conceito utilizados por autores brasileiros (e outros preferencialmente situados no Sul Global) como Silva (2020; 2021) que nos afirma que “nos ambientes digitais há um desafio ainda mais profundo quanto à materialidade dos modos como o racismo se imbrica nas tecnologias digitais através de processos invisíveis nos recursos automatizados” (Silva, 2020, p. 130).

14 Google Fotos identifica pessoas negras como ‘gorilas’(Terra, 2015).

15 Joy Buolamwini é cientista da computação ligada ao MIT Media Lab onde trabalha identificando vieses em algoritmos. Em 2020 sua pesquisa sobre imprecisões de inteligência artificial em reconhecimento artificial foi retratada no documentário The Code Bias, dirigido por Shalini Kantayya.

16 Levantamento revela que 90,5% dos presos por monitoramento facial no Brasil são negros (The Intecept Brasil, 2019).

Os Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias privilegia a ideia de que a tecnociência resulta de um processo de construção social e que é orientada pelos valores e visão de mundo de quem a produz, no entanto, muitas vezes tais valores e visões são apresentados como “neutros” e “universais”, apagando, assim as marcas de sua produção (Haraway, 1995). A partir dessa perspectiva podemos afirmar que os dados que treinam e aperfeiçoam o aprendizado de máquina são inseridos por um agente humano, processo que parte de um conceito de “neutralidade”, onde a “ideia de neutralidade é marcada socialmente como a percepção dos desenvolvedores” (Silva, 2020, p. 438). Portanto, esta suposta “neutralidade” é carregada de valores e visões de mundo particulares (vieses) que são normalizados e performados como “universais”, processos automatizados pelos algoritmos e banalizados no nosso cotidiano. Portanto, esta pesquisa aborda o racismo algorítmico não como um fenômeno a parte do racismo estrutural, ao contrário disso, entendendo que as “novas relações sociotécnicas atinentes às formas como os algoritmos acionam dispositivos de governo e condução de conduta, estão relacionadas ao racismo estrutural, sempre aberto e dinâmico, como a própria sociedade” (DA SILVA; ARAÚJO, 2020, p. 8).

2.7 – Ativismo *online* e *offline*

Para analisar as práticas antirracistas do AfroPython, coletivo que desenvolve ações e eventos de formação e aperfeiçoamento profissional em TIC para pessoas negras, originalmente sediado em Porto Alegre, que mantém uma comunidade virtual com intervenção e interatividade social em ambiente digital são utilizadas nesta pesquisa abordagens da Sociologia Da Ação Coletiva e da Sociologia Digital que debatem o associativismo, o ativismo digital, CiberAtivismo e o NetAtivismo – variação do ativismo digital em processo de crescimento constante possibilitando novas formas de recriar redes e espaços por meio da tecnologia, que colocadas em prática resultam em trocas de saberes, conhecimentos e experiências (Borgh, 2020).

“um fenômeno caracterizado como a junção da relação tecno-humana que representa um novo modelo de organização social, nos espaços digitais; influenciando o fortalecimento dos movimentos sociais, por meio das múltiplas e diversas interconexões dos atores que passam a ser construtores de um ambiente participativo e democrático” (Borgh, 2020, p. 2).

As contribuições da teoria Ator-Rede (ANT) (Latour, 2012) também são mobilizadas nesta pesquisa a fim de observar os rastros, ou pistas, deixadas pelos membros do grupo que nos levam às conexões dos atores e a formação de suas associações (Penna, 2020). A ANT, a partir da perspectiva

de investigação das associações daqueles que compõem o grupo, sua autoidentificação (e identificação dos grupos antagônicos), e da identificação de outros atores não humanos em interação com o grupo entendendo que “qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator” (Latour, 2012), fornece conceitos para incluir e analisar atores não-humanos, como aplicativos, redes de computadores, *softwares*, *hardwares* e algoritmos como parte do social e como elementos que, ao participar da prática, constituem de diferentes formas a realidade (Mol, 2008)

Assim, identificar as associações heterogêneas do AfroPython implica na ampliação do olhar sobre o que constitui o grupo na tentativa de entender como tal grupo disputa e tenta mudar o modo desse campo de trabalho existir. Portanto, a observação de que atores buscam construir sua versão do real e que atores não-humanos participam dessa construção e a agência dos atores não humanos nessa construção guiou metodologicamente a análise das práticas dos indivíduos que formam o grupo AfroPython. Ainda trabalhando com o suporte da teoria Ator-Rede e seus desdobramentos no conceito de “ontologias políticas”, onde se admite que a realidade não é inteiramente imutável e “é este o ponto de partida da tecnologia – e, sem dúvida, da política. Ambas as esferas assentavam no pressuposto de que o mundo podia ser dominado, modificado, controlado” (Mol, 2008) que podemos pensar em como as TICs tendem a modelar a realidade, podendo ser descritas como práticas sociomateriais onde a realidade é transformada e onde se concebem novas formas de fazer a realidade.

Para analisar as práticas antirracistas do AfroPython foi necessário, também, observar suas associações que se estendem pelas de meios digitais. A internet surge como espaço de disputa de narrativas, de reivindicações e de sobreposição de discursos identitários por meio dos quais os atores reforçam suas associações, participam de controvérsias e identificam quais seriam os grupos antagônicos. Sendo a internet, principalmente através das plataformas de redes sociais, local onde discursos hegemônicos e supremacistas buscam visibilidade e disseminação, e a reprodução dos discursos de uma hegemonia branca se apresenta em diversos níveis de intensidade e agressividade à ação de grupos de ativistas antirracismo como o AfroPython se apresenta como contranarrativa hegemônica apresentando um discurso de valorização da identidade negra, se utilizando das tecnologias digitais que “fornecem um meio para expressão jovem e um meio de organização e transformação, especialmente no contexto de identidades racializadas e antirracismo.” (Roshani,

2021, p. 55). Segundo Roshani (2021) ao analisar práticas antirracistas de jovens negros colombianos e brasileiros o ativismo digital antirracista permite que aqueles que foram silenciados pelo racismo ou que têm medo de falar sejam ouvidos e representados. Atuar no combate contra os formatos *online* do racismo explícito discursivamente (ou transmitido de maneira menos “rastreadável” em microagressões¹⁷) apresentado em textos ou materiais multimídia e que se potencializam com a crescente automatização e podem ter impacto na vida e saúde mental de grupos minorizados (Silva,2021), é de fundamental importância. Discursos racistas reproduzidos pelas redes sociais têm efeitos nocivos sobre a construção da subjetividade da população negra, e podem influenciar ações diretas que intensificam as desigualdades estruturais.

Além de problematizar o racismo nos meios digitais e *online* as práticas *offline* do AfroPython buscam aumentar a presença e a representatividade negra nas TIC's ao promover formação, aperfeiçoamento profissional, acesso ao mercado de trabalho e o interesse de pessoas negras por tecnologia resultando na consequente alteração desse mesmo cenário *online*. O ativismo antirracismo do AfroPython, a exemplo das organizações pesquisadas na Colômbia e no Brasil por Roshani (2021), constrói “transição do luto à luta redefinindo a herança cultural e identidades, maximizando oportunidades, restabelecendo a cidadania e a participação cívica, moldando o debate público e resistindo às desigualdades estruturais históricas” (Roshani, 2021, p. 51). Envolvendo em seus engajamentos sociais e digitais o ativismo e as discussões da cultura institucional, profissional e educacional, os desafios centrais e as oportunidades que as pessoas negras encontram diariamente na área de tecnologia.

¹⁷Segundo Silva (2021) o conceito de microagressão foi proposto pelo psiquiatra Chester Pierce (1969;1970) ao desenvolver trabalhos sobre a necessidade de estudar também os “mecanismos ofensivos” dos grupos opressores. Pierce explica que aparatos da educação e mídia criam um ambiente onde a maioria das ações ofensivas não são brutas e violentas fisicamente. Elas são sutis, paralisantes e incessantes.

3 – AFROPYTHON, MUITO MAIS DO QUE *PYTHON*

3.1 Introdução

Neste capítulo apresento um percurso histórico do grupo AfroPython e o desenvolvimento de suas ações através de eventos de formação e qualificação de pessoas negras com o objetivo de inseri-las no mercado de trabalho de TIC. Os dados para a construção desta linha do tempo foram coletados por meio de pesquisa em material *online* produzido pelo grupo, entrevistas com membros e participantes de eventos promovidos pelo grupo e observação participante nos eventos AfroPython Conf 2019 e AfroPython Conf 2020.

3.2 Mais do que *Python*

Python é uma linguagem de programação criada nos anos 1980 e que tem se tornado popular por ter seu código aberto, ser um *software* livre (com acesso gratuito mantido pela *Python Foudantion*¹⁸), por sua simplicidade e clareza e por estar presente em várias áreas da computação como jogos, bancos de dados, plataformas *web* e inteligências artificiais. Em muitos fóruns, comunidades *online* e eventos presenciais em diversos formatos desenvolvedores que utilizam a linguagem *Python* de programação compartilham conhecimentos nos mais variados níveis de desenvolvimento. O AfroPython inicia suas atividades em 2017 de forma similar a outras tantas comunidades tecnológicas, onde pessoas com interesses em comum (principalmente relacionados com aplicação de uma linguagem de programação) compartilham conhecimentos e experiências de maneira voluntária buscando a solução de problemas e o aprendizado coletivo. Porém, o grupo tem o diferencial de fomentar o conhecimento e o uso do *Python* por pessoas negras, a fim de inseri-las no mercado de trabalho das TIC's. A primeira oficina de iniciação em *Python* ocorreu em novembro de 2017 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Segundo o texto de apresentação do grupo em sua página na *web*¹⁹ “com o sucesso da primeira edição e o aumento de interesse do público-alvo, o AfroPython tornou-se um movimento de inclusão e empoderamento de pessoas negras na área de TI” (AFROPYTHON, 2023). Impulsionado pelos resultados do primeiro evento, em maio de 2018 foi realizado o segundo

18 Organização sem fins lucrativos fundada nos EUA em 2001

19 Disponível em www.afropython.org.br/quem-somos . Acesso em 23/05/2023

encontro do coletivo, chamado de AfroPython Palmares. O evento foi dividido em “trilhas de formação” que contemplavam palestras e oficinas de temas como gestão de negócios, gerenciamento de carreira, *big data* e inovação. O AfroPython Palmares ocupou um andar inteiro mais o auditório da Faculdade Senac, em Porto Alegre, e reuniu mais de 200 pessoas. Os espaços de aprendizado foram divididos em três e nomeados em alusão ao Quilombo dos Palmares seus territórios e lideranças: Sala Zumbi; Sala Dandara e Sala Subupira²⁰.

Com a visibilidade e as conexões estabelecidas nos eventos promovidos nos seus dois anos iniciais o coletivo alcançou lugares para além do estado do Rio Grande do Sul, se associando a colaboradores em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife e Lisboa (Portugal). Assim, nos dias 23 e 24 de novembro de 2019 o coletivo realiza a primeira conferência de tecnologia voltada para pessoas negras do Brasil. A AfroPython Conf 2019 é realizada na faculdade UniRitter campus Iguatemi (instalado no maior *shopping center* de Porto Alegre, localizado em uma das áreas mais nobres da cidade) com palestrantes e instrutores negros oriundos de diversas cidades do país, com o objetivo de abranger em suas exposições não apenas as questões técnicas relacionadas ao desenvolvimento das linguagens de programação e dos conhecimentos tecnocientíficos, mas também o compartilhamento de experiências de profissionais negros estabelecidos no mercado, seus repertórios de enfrentamento e resistência ao racismo e a transformação do local ocupado nesses dois dias em um espaço de acolhimento e um ambiente seguro para essas trocas de aprendizados e formação.

Com o agravamento da crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19 a segunda edição da conferência aconteceu de modo *online* em novembro de 2020. Com transmissão ao vivo pela plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, pelo canal oficial do grupo²¹, o evento contou com 20 palestras divididas em duas trilhas: Sala Abdias do Nascimento e Sala Lélia Gonzales (desta vez a opção por nomear as salas foi alusiva a personalidades importantes ao Movimento Negro e a intelectualidade negra brasileira). Durante as apresentações os espectadores puderam interagir com a organização do evento e entre si através da janela de conversação (*chat*) do *YouTube* e do aplicativo *Discord*, *software* gratuito onde é possível criar salas para discussão e bate

20 O Quilombo dos Palmares, o maior quilombo das Américas, era formado por territórios autônomos chamados de mocambos. Dandara foi líder de um entre esses 12 mocambos “quais sejam, Subupira, Dambrapanga, Andalaquituche, Santo Amaro, Osenga, Zumbi, Acotirene, Tabocas, Osenga, Amaro, Aqualtune e Cerca Real dos Macacos, atual Serra da Barriga” (BALLESTER, 2017, p. 31)

21 Disponível em www.youtube.com/afropython.br. Acesso em 23/05/2023

papo por texto, áudio e envio de imagens. As apresentações que exploram assuntos diversos ligados à área de tecnologia como mercado de trabalho em TIC, ética no desenvolvimento de inteligências artificiais, desenvolvimento de aplicativos em linguagens de programação específicas (*Django*, *Pandas*, *Python*) seguem disponíveis *online* no canal do AfroPython no *YouTube*, dando continuidade às oportunidades de formação e disseminação de conhecimentos na área.

Do seu início em 2017 até o momento no qual escrevo (abril de 2023) o AfroPython já realizou doze eventos, e segundo estimativas divulgadas em no *site* do coletivo, impactando diretamente mil pessoas e indiretamente dez mil pessoas pelo Brasil²². Sua comunidade é formada por 85% de pessoas pretas, das quais 89% não programam profissionalmente e 80% são egressos de escola pública, segundo dados divulgados pela organização do grupo. Os impactos gerados pelas ações do AfroPython vão muito além do desenvolvimento de conhecimentos técnicos e teóricos utilizando o *Python*, ou outra linguagem de programação, através de encontros presenciais ou virtuais, como as publicações nas redes sociais do grupo promovem: AfroPython é muito mais do que *Python*.

3.3 Código de conduta

O código de conduta do AfroPython²³, com o qual a concordância e o cumprimento são obrigatórios para a participação de qualquer pessoa nos eventos, apresenta de forma resumida, o desejo da comunidade pela cooperação de todos para a garantia de um ambiente seguro e acolhedor. Neste documento o AfroPython é apresentado como um evento com o propósito de oferecer uma vivência livre de assédio para todas as pessoas envolvidas, independente de identidade, de gênero, sexo, orientação sexual, raça, composição corporal, religião, classe social e qualquer representação de diversidade (AFROPYTHON, 2023). Reforça-se ainda que o desejo do coletivo é deixar uma marca positiva em seus participantes em contraposição ao mercado de trabalho das TIC's, que refletindo dinâmicas de poder histórico e socialmente estabelecidas excluem grupos minorizados como homens e mulheres negras. Assim, os eventos promovidos pela comunidade buscam incentivar o ingresso de pessoas negras nas Tecnologias da Informação e Comunicação, gerando oportunidade e ascensão social, através de “parcerias afetuosas, apaixonadas por compartilhar

22 Disponível em www.afropython.org . Acesso em 23/05/2023

23 Disponível em www.afropython.org/codigo-de-conduta . Acesso em 23/05/2023

conhecimento e socialmente engajadas no combate ao racismo e discriminação racial” (AFROPYTHON, 2023).

3.4 Da comunidade à empresa

As associações estabelecidas a partir de 2017 com profissionais negros atuantes no mercado de TIC e a formação e o estímulo ao interesse de mais pessoas negras a ingressarem nesse mercado, fizeram com que o coletivo Afropython despertasse também o interesse de empresas de tecnologia. A partir da busca por inserção de pessoas negras no mercado de trabalho em tecnologia, o grupo procurou atuar não só na formação de profissionais, mas também no diálogo com empresas para a implementação ou ampliação de programas e ações para contratação de pessoas negras. Desses relacionamentos com as empresas parceiras surgiram novas possibilidades de interlocução baseadas no mapeamento e listagem de profissionais negros aos quais a comunidade tem acesso. Essas novas possibilidades, como recrutamento e análise de perfis de profissionais para ocupação de possíveis vagas, abriram o caminho para relações profissionais e empresariais entre o coletivo e empresas de tecnologia. Surgiu, com isso, a necessidade da criação de uma empresa a partir da comunidade, a fim de garantir contratos de prestação de serviços e consultoria. Assim, a partir de janeiro de 2022 o AfroPython se constitui em uma comunidade tecnológica com membros voluntários, mas também em uma empresa tendo como sócios pessoas negras.

4 – QUEM ESTÁ NA SALA DE BATE PAPO?

4.1 Introdução

Neste capítulo realizo um panorama socioeconômico dos profissionais negros de TIC participantes como colaboradores desta pesquisa, apresentando informações relativas a formação, gênero e idade. Também apresento a metodologia aplicada para a obtenção e análise dos dados dessa pesquisa.

4.2 Buscando Rede

Para analisar como profissionais negros de TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) se mobilizam e agem contra o racismo no mercado de trabalho e espaços informacionais e digitais a partir da análise das práticas de atuação e mobilização antirracista do AfroPython, grupo formado em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), fui a campo para produzir dados que contemplem o cumprimento dos objetivos desta pesquisa. Assim, para analisar a trajetória do AfroPython e para investigar os métodos pelos quais profissionais negros de TIC que participam do coletivo se posicionam e entendem o racismo nos seus locais de trabalho e ambientes digitais/informacionais, entrevistei cinco profissionais negros de TIC relacionados ao grupo e coletei material de divulgação do grupo e publicações *online* para posterior análise de discurso dos entrevistados e dessas publicações.

As entrevistas foram realizadas através de aplicativo de videochamada, a partir de um roteiro semiestruturado de perguntas, com profissionais negros de TIC residentes nas cidades gaúchas de Porto Alegre, Alvorada e Caxias do Sul. Apesar do trabalho de campo desta pesquisa ter sido executado, essencialmente, de forma virtual, seu início se estabelece em minhas observações participantes nos eventos presenciais, realizados em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), AfroPython Palmares (2018) e AfroPython Conf 2019, quando realizei o primeiro contato com quatro dos meus cinco interlocutores, que posteriormente indicaram outros integrantes para a realização das entrevistas.

4.3 Compartilhando Dados

A busca pelos entrevistados procurou contemplar diversas formas de participação no coletivo. Dos cinco interlocutores dois são fundadores do coletivo, participando do grupo desde sua idealização e concepção, um participou como voluntário ministrando oficinas em eventos, uma participou da organização de eventos e comunicação do grupo e uma participou como aluna em oficinas em evento promovido pelo coletivo. Desses cinco profissionais que colaboraram com a pesquisa três são mulheres, com vinte e cinco, vinte nove e trinta e um anos de idade, e dois são homens com trinta e dois e cinquenta e um anos de idade. Quatro atuam profissionalmente vinculados a empresas de TIC e um é gestor de sua pequena empresa do setor. Com relação a formação, todos os entrevistados possuem curso superior, três concluídos em faculdades particulares e dois em universidades públicas federais.

A realização das entrevistas partiu da composição de um questionário semiestruturado de perguntas orientado pela Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) que buscou auxiliar na compreensão de como o grupo se autodefine através da identificação de seus antagonistas, da identificação dos problemas a serem resolvidos pelo grupo e as soluções propostas pelo grupo a esses problemas. Os depoimentos de meus interlocutores foram agrupados em eixos temáticos nos quais foram relacionadas falas identificadas com: a trajetória do grupo; a trajetória pessoal dos colaboradores; a percepção de problemas no mercado de trabalho; a percepção de problemas na formação profissional; e as ações e propostas para a solução de problemas. As entrevistas foram realizadas através de aplicativo de videochamada *online* e gravadas em formato de vídeo digital (MP4), em seguida transcritas e analisadas com auxílio do *software* NVIVO e a transposição dos temas, anteriormente mencionados, em códigos.

As mesmas orientações metodológicas e, conseqüentemente, os mesmos códigos, ou categorias, foram utilizados na análise dos temas a partir dos dados documentais com fonte em textos de divulgação do grupo publicados *online* nas sessões “Quem somos”²⁴ e “Código de

24 Disponível em www.afropython.org/quemsomos . Acesso em 23/05/2023.

conduta”²⁵ do *website* do coletivo, e vídeos de eventos *online* (Sala Abdias do Nascimento – AfroPython Conf 2022²⁶ e Sala Lélia Gonzalez - AfroPython Conf 2022²⁷).

25 Disponível em www.afropython.org/codigodeconduta . Acesso em 23/05/2023.

26 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mVVKCvHpNPk&t=598s> . Acesso em 23/05/2023.

27 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h75C0r83xE&t=1831s> . Acesso em 23/05/23.

5 – ENEGRECENDO A TECNOLOGIA

5.1 Introdução

Este capítulo é desenvolvido a partir da análise das entrevistas realizadas com profissionais negros de TIC ligados ao AfroPython durante abril de 2023. Além de discutir como foi estabelecida minha relação com meus interlocutores. Apresento as pautas que mobilizam suas práticas, os problemas enfrentados em suas trajetórias profissionais e de formação, suas percepções de racismo e suas ações em busca de soluções para os problemas apresentados.

5.2 Estabelecendo conexão

Ir a campo sem sair de casa é uma das possibilidades que os meios informacionais e as infraestruturas das telecomunicações nos permitem, juntamente ao suporte das metodologias e das teorias das Ciências Sociais que nos amparam. O trabalho de campo desta pesquisa foi feito entre o computador, o telefone celular, monitores, *softwares* de conversação por vídeo, programas de captura de tela, câmeras, caixas de som, microfones, cabos que me conectaram a uma rede de banda larga de internet e meus cinco interlocutores que utilizam estruturas parecidas no seu cotidiano de trabalho e na busca por inserir pessoas negras no mercado de trabalho em tecnologia. Se a distância física com meus interlocutores de antemão dava indícios de uma possível dificuldade de conexão (e não estou falando de conectividade, ou seja da possibilidade de fazer operações em ambiente de rede de computadores), outros aspectos nos aproximavam e muito. Mesmo que o objetivo das conversas fosse essa pesquisa, ainda éramos pessoas negras falando sobre tecnologia, de como ser uma pessoa negra em espaços majoritariamente brancos e suas implicações profissionais, psicológicas e emocionais.

Desse olhar, mesmo que através de uma tela, me percebi sendo visto inúmeras vezes não como um investigador, um pesquisador, um outro, mas como alguém capaz de entender o não verbalizado, porém expressado. Aquilo que é compartilhado com aquela frase que a priori soa inconclusa pontuada com um “Né?”, duas letras que no fundo querem dizer “tu sabes como é”. É a partir deste lugar, como afirma Collins (2016) sobre a experiência do pensamento de mulheres negras estadunidenses como contribuição para sociologia, onde pesquisadores podem aprender a

confiar em “suas próprias biografias pessoais e culturais como fontes significativas de conhecimento” (COLLINS, 2016. p.123), que estabeleço os diálogos que compõem esta pesquisa com fundadores do AfroPython, colaboradores voluntários e participantes de atividades promovidas pelo coletivo de profissionais negros de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).

5.3 Afogados em tecnologia

O fato de uma pesquisa sociológica como esta envolver um aparato tecnológico tão grande, conforme descrito anteriormente (que ainda pode ser acrescido do auxílio de um *software* de análise de dados qualitativos, editores de textos, armazenamento de dados em nuvem e buscas em repositórios digitais de textos), é um indício do quanto a tecnologia e os meios informacionais estão presentes nos nossos fazeres de maneira direta ou indireta. Como afirma um dos fundadores do AfroPython “se a gente estivesse no mar e nós fossemos peixes, nesse momento a tecnologia seria a água. A gente está tão imerso, que a gente não consegue ver o tanto de tecnologia que tem a nossa volta”²⁸, mas diferentemente de um ambiente natural, como o mar e seu ecossistema, estamos imersos em um ambiente artificialmente construído, pensado e administrado por, e para, uma parcela pouco representativa da diversidade humana mundial.

Assunto comum em todas as conversas com os colaboradores dessa pesquisa, a baixa presença de pessoas negras no mercado de trabalho das TIC’s é o principal tema, ou controvérsia que mobiliza os diferentes atores da rede e os mantém em associação (Latour, 2012). Nos relatos de cada um dos meus interlocutores, profissionais negros de TIC com alguma relação com o AfroPython, é possível perceber um sentimento de distanciamento, deslocamento ou até isolamento com relação a seus ambientes de trabalho majoritariamente ocupados por pessoas brancas.

“Nas empresas em que eu trabalhei, olha, foram pouquíssimas pessoas negras que eu trabalhei junto... a gente sentia a falta de ter um grupo, um espaço seguro que a gente pudesse reclamar, que a gente pudesse também celebrar as nossas conquistas com pessoas como nós mesmos, né? Gente como a gente, como a gente fala.”²⁹

28 Profissional negro de TI idealizador, integrante do coletivo e sócio do AfroPython. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 10 de março de 2023.

29 Profissional negra de TI idealizadora, integrante do coletivo e sócia do AfroPython falando sobre a presença de pessoas negras nos ambientes de trabalho durante sua trajetória profissional. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 02 de março de 2023.

A necessidade de alterar a realidade desse mercado de trabalho, gerou a mobilização de profissionais negros de diversas áreas de atuação em TIC, com trajetórias pessoais e de formação bem distintas. As áreas de atuação em tecnologia são muito variadas, entre os entrevistados desta pesquisa, por exemplo, estão profissionais que atuam em engenharia de *software*, Relações Públicas, programação, desenvolvimento de jogos eletrônicos e desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis. Encontrei ainda profissionais com formação em escolas e faculdades públicas e privadas de Porto Alegre e Caxias do Sul no Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. A percepção da baixa presença de pessoas negras em suas trajetórias de formação educacional e técnica é outro fator de engajamento desse grupo tão heterogêneo de pessoas ao AfroPython que busca inserir pessoas negras no mercado de trabalho de TIC através da oferta de qualificação profissional.

5.4 Formação: a primeira prova

A baixa presença de profissionais negros no mercado de trabalho de tecnologia passa por questões relacionadas à formação destas pessoas. Embora não seja o único fator a determinar a situação atual do mercado de trabalho e o fato de ações como as do AfroPython conectarem a cada evento um número maior de profissionais negros com formação e especialização em tecnologia, demonstrando a existência desses especialistas, os problemas enfrentados por pessoas negras para acessar e se manter em um curso de formação (tanto no nível técnico quanto no nível universitário) são relatados nas conversas como um grande desafio. Entre os cinco profissionais com os quais conversei para esta pesquisa, dois tiveram uma formação técnica de nível médio, ou algum aprendizado em tecnologia anterior ao ensino superior, em sua formação. Na maioria das trajetórias de formação, três casos, o contacto com a tecnologia se deu a partir do ingresso na faculdade ou ainda no próprio mercado de trabalho (como o caso de uma profissional formada em comunicação que atua em empresas de tecnologia).

As políticas de ações afirmativas têm auxiliado estudantes negros e de baixa renda a acessarem o ensino superior em instituições públicas e privadas. Se usarmos como exemplo a própria UFRGS e o Campus do Vale, onde circulo desde 2009 como aluno do curso de Ciências Sociais (ano posterior ao início da implementação da política de cotas raciais pela universidade) é perceptível o aumento da presença de estudantes negros pelas salas, corredores, restaurante

universitário ou demais espaços. Mas optar por cursos de tecnologia para estudantes negros pode significar ser a única pessoa negra da turma, como me contou um profissional de TIC com formação em Bento Gonçalves, cidade da Serra Gaúcha: “a verdade é que em muitas cadeiras por muitos semestres eu não tive colegas negros, por exemplo. Isso é uma coisa que chamava bastante atenção. Eu não tive colegas negros.”³⁰. No caso de uma mulher negra que opta por esta formação, a possibilidade de ser a única aluna com estas características no curso é uma possibilidade ainda maior. Como conta uma de minhas interlocutoras ao lembrar de sua matrícula no curso de Ciência da Computação na UFRGS: “O primeiro baque, assim, é tu entrar na faculdade. Eu, principalmente como mulher, também. Porque para mim, hoje eu já vejo muito mais gurias nessa área, mas eu tenho fotos desses momentos, quando eu entrei no curso. Eu era a única guria da inscrição da matrícula.”³¹.

A interlocutora relata que não chegou a concluir o curso na UFRGS dado que tinha como objetivo específico o aprendizado em desenvolvimento de jogos eletrônicos, graduação oferecida apenas em instituições particulares de ensino, mas também por não se sentir “adequada” em um ambiente dominado por uma maioria massiva de homens brancos. Ela relata ainda que colegas a receberam em seu ingresso no segundo semestre do ano letivo com a “brincadeira”, no grupo da turma nas redes sociais, de que os alunos que ingressam nesse período são “burros”.

“A primeira memória forte é chegar na faculdade e o pessoal já dizendo que eu era burra, e depois era estar escrito na parede da faculdade, numa das paredes internas “lugar de negro é na cozinha do RU”, sabe. Coisas nesse sentido. A gente olha e: ah, alguém besta escreveu e não dá atenção. Só que tu dá atenção e esse tipo de coisa para mim foi bem impactante”.³²

Percebo o tamanho do impacto que essas ações ainda possam ter, quando noto a voz embargada e os olhos marejados nos dois rostos no monitor. A saída da, tão almejada, universidade pública federal e a transferência para uma faculdade privada foi possível por conta da aquisição de uma bolsa integral. Mesmo tendo sido a única pessoa negra de seu curso durante toda a graduação na instituição de ensino privada, ela não se arrepende da troca, considerando a fase difícil, porém superada.

30 Profissional negro de TI e colaborador voluntário em edições do AfroPython referindo-se a baixa presença de pessoas negras durante sua formação acadêmica. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 07 de março de 2023.

31 Profissional negra em desenvolvimento de jogos eletrônicos participante da AfroPython Conf 2019. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 04 de março de 2023.

32 Profissional negra em desenvolvimento de jogos eletrônicos participante da AfroPython Conf 2019. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 04 de março de 2023.

“A parte da faculdade é uma provação que todo mundo precisa superar, para conseguir se especializar, sabe. E normalmente a gente precisa dessa especialização para entrar no mercado. Então, quem sobrevive a faculdade é só tipo o primeiro passo. Agora vamos para a segunda prova, sabe? Então é tudo assim, são coisas a superar.”³³

Profissionais negros de TIC, como a que compartilhou o relato anterior, que superaram as dificuldades impostas durante seus processos de formação, hoje estão mobilizados em incentivar outras pessoas negras a começarem suas formações visando uma carreira em tecnologia. Eles buscam utilizar suas trajetórias como exemplos de possibilidade, tentando modificar o cenário da sub-representatividade negra no mercado de TIC atraindo o interesse de pessoas negras para área com iniciativas como o AfroPython.

5.5 Barreiras estruturais

Quando profissionais negros de TIC, que compõem o AfroPhyton, compartilham seus conhecimentos técnicos e suas experiências profissionais, além de suas experiências em comunidades tecnológicas digitais ou participam de eventos dirigidos a pessoas negras, eles estão buscando propiciar para estas pessoas o primeiro vínculo com a área de tecnologia que tiveram que criar para a construção de suas carreiras: perceber a área de tecnologia como uma possibilidade. A construção de estereótipos a respeito do profissional de tecnologia afasta a população negra da área, por relacionar a imagem destes profissionais a pessoas “tidas como gênios, como extremamente inteligentes”³⁴. Este imaginário torna-se uma primeira barreira ao acesso de pessoas negras à tecnologia, como relata um integrante do grupo: “as pessoas que não estão dentro da área acreditam que é algo de outro mundo fazer um *software* ou programar alguma coisa, fazer um *site*, fazer um aplicativo. Então, é algo assustador de início”³⁵. No entanto, tal desajuste e temor parece não afetar pessoas brancas com tanta frequência.

As iniciativas do coletivo procuram construir novas subjetividades em pessoas negras para superar mais do que estereótipos, enfrentando, assim, os efeitos dos processos de internalização do

33 Profissional negra em desenvolvimento de jogos eletrônicos participante da AfroPython Conf 2019. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 04 de março de 2023.

34 Profissional negro de TI e colaborador voluntário em edições do AfroPython referindo-se a imagem que tinha das pessoas que atuavam antes de ingressar no mercado de trabalho. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 07 de março de 2023.

35 Profissional negro de TI idealizador, integrante do coletivo e sócio do AfroPython se referindo aos motivos pelos quais pessoas negras não se interessam por tecnologia. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 10 de março de 2023.

racismo e de suas ideologias (Almeida, 2019). Socialmente a violência física do racismo não é mais tolerada, mas outras concepções de violência ainda precisam ser combatidas, como as que atingiram a autoimagem de um dos profissionais de TI com quem conversei: “a tecnologia sempre esteve na minha mira, mas eu confesso que eu tinha um trauma. Eu me achava uma pessoa burra, me achava uma pessoa incapaz”³⁶.

Esse mesmo profissional entende essa impossibilidade de se imaginar ocupando determinados espaços na sociedade como efeito do racismo estrutural, que retira essa e outras escolhas da população negra.

“Uma das coisas que nos é tirado de forma invisível é o direito de sonhar. Acredita que a gente não consegue sonhar? Até isso nos roubaram. ... a gente está ainda só sobrevivendo, né? A gente está lutando pelo essencial, a gente está lutando pelo básico, né? E isso nos rouba, isso nos impede de certa forma de buscar outras áreas de enxergar um pouco mais à frente.”³⁷

A indisponibilidade de equipamentos necessários para o desenvolvimento de conhecimentos e familiaridade com a tecnologia da informação, como o computador de mesa ou portátil, aparece também entre as razões para o desinteresse pela área, ou como situação que retarda em muitos anos esse interesse. Tais desigualdades no acesso a equipamentos podem ser ilustradas pelas falas de dois interlocutores:

“Eu demorei para ter computador em casa, né? Na verdade eu fui ter computador com 15 anos. Então, o pessoal da minha volta já estava super por dentro e eu estava mais atrasadinha assim. E aí acho que por isso não tinha tanto interesse né?”³⁸

“Eu gostava de jogar como muitas crianças e aí eu jogava muito no videogame. Depois vieram os computadores e eu demorei bastante tempo para ter um computador enquanto várias outras pessoas da minha escola já tinham, eu ainda não tinha e quando eu consegui comprar o computador era um computador que dava muito problema.”³⁹

36 Profissional negro de TI e colaborador voluntário em edições do AfroPython ao se referir às barreiras iniciais de formação. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 07 de março de 2023.

37 Profissional negro de TI e colaborador voluntário em edições do AfroPython, que ao se referir às dificuldades que a população negra enfrenta na sociedade brasileira cita o racismo estrutural como principal causa: “eu diria assim, o racismo estrutural, ele nos condicionou de uma maneira que a gente tá fazendo força ainda para se libertar das correntes”. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 07 de março de 2023.

38 Profissional negra em desenvolvimento de jogos eletrônicos participante da AfroPython Conf 2019 mencionando seus contatos iniciais com o uso de tecnologia em sua trajetória pessoal. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 04 de março de 2023.

A partir das experiências de suas trajetórias, esses profissionais negros de TIC identificam problemas, como a baixa presença de pessoas negras no mercado de trabalho e áreas de formação e baixo interesse na área de tecnologia por pessoas negras, e se mobilizam para a mitigar os efeitos do racismo estrutural. Eles engajam-se ao AfroPython para promover ações de formação e dialogar com empresas da área de tecnologia buscando diminuir as barreiras que impedem o acesso de pessoas negras ao mercado de trabalho das TIC's.

5.6 Derrubando barreiras

A mobilização destes profissionais para alterar a atual realidade do mercado de trabalho em TIC para pessoas negras passa por suas atuações e percepções com relação ao racismo nesses espaços. A criação de uma comunidade tecnológica voltada a pessoas negras é uma resposta aos problemas identificados anteriormente que passam a ser enfrentados de forma coletiva, buscando estabelecer a partir desses profissionais negros novos referenciais para a população negra. Segundo um dos fundadores do AfroPython:

“A construção do AfroPython vem muito inspirada em pessoas negras que são essas referências. E para conseguir fazer isso a gente precisa pensar de maneira profunda em quais são as dificuldades e as barreiras que essas pessoas enfrentam. Para que a gente tire o máximo de barreiras do caminho dessa pessoa. Para que ela possa atingir o objetivo dela. Já existem barreiras naturais no mercado de tecnologia. E eu não estou falando de racismo quando eu falo de barreiras naturais. Eu estou falando de dificuldade de aprender, porque aprender é difícil.”⁴⁰

Nesse sentido, o caráter de comunidade tecnológica, que é baseado na colaboração, toma dimensões mais amplas pelo acréscimo da representatividade, da autoidentificação entre quem ensina e quem aprende e pelo exemplo de trajetória bem-sucedida profissionalmente, intensificando o interesse e tornando a formação mais eficaz e interessante para população negra. Como explica uma das idealizadoras do AfroPython.

“Quando tu está ali no momento de aprendizado e tu tem outras pessoas parecidas contigo, tu acaba te sentindo mais seguro. E sentindo mais seguro também para perguntar, para tirar

39 Profissional negro de TI idealizador, integrante do coletivo e sócio do AfroPython se referindo aos seus primeiros contatos com tecnologia. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 10 de março de 2023.

40 Profissional negro de TI idealizador, integrante do coletivo e sócio do AfroPython em depoimento sobre como o coletivo elabora seus eventos de formação. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 10 de março de 2023.

dúvidas, ou para estar ajudando outras pessoas também. Então, acho que esse senso de comunidade é o que mais faz a diferença em todos os eventos que a gente faz.”⁴¹

O AfroPython enquanto coletivo que se identifica como uma comunidade busca desconstruir a hostilidade para pessoas negras dos ambientes de aprendizado em tecnologia, criando espaços de formação agregadores e acolhedores, onde pessoas negras possam se sentir pertencentes. O conceito de comunidade também é expandido para outras concepções como a de movimento.

“Movimento porque para conseguir avançar nesse objetivo que a gente quer, que é trazer mais pessoas negras pro mercado de tecnologia. A gente precisa fazer um movimento. Que é expandir essas fronteiras, né? Não tem pessoas negras. Então, a gente precisa ir fazendo esse movimento de expandir essas fronteiras.”⁴²

Desde 2020 o coletivo também apresenta uma concepção empresarial para ampliar o diálogo com empresas do setor de tecnologia buscando soluções em empregabilidade para profissionais negros. Como explica um dos idealizadores do grupo e agora sócio do AfroPython.

“Conforme a gente foi fazendo os eventos, a gente percebeu que as empresas tinham muito interesse em fazer parcerias com a gente. Porque as empresas têm dificuldade de contratar essas pessoas negras. Por outro lado o AfroPython formou essa comunidade gigante de tecnologistas negros, que as empresas por outro lado tem dificuldade de contratar. Então, através da gente eles conseguem acessar essas pessoas. E as empresas que estão comprometidas com uma mudança social, trazer mais diversidade de funcionários veem na gente um grande potencial. E isso é um negócio, algo que a gente poderia fazer e iria ajudar tanto as pessoas, ajudar as organizações que querem contratar essas pessoas, e a gente seria ajudado nesse processo. Então, é um negócio onde todo mundo ganha. Especialmente nesse mundo capitalista onde várias vezes para obter lucro as empresas estão colocando as pessoas em segundo plano, a gente quer fazer o contrário. A gente quer colocar as pessoas em primeiro plano, que são as pessoas as quais a gente quer dar suporte.”⁴³

Ao perceberem o racismo e seus efeitos nocivos na subjetivação, auto-identificação e auto-estima de pessoas negras, situação que limita suas escolhas, expectativas e projeção de futuro, esses profissionais negros de TIC têm se mobilizando em estratégias que buscam estimular o interesse em tecnologia, a formação e a contratação de pessoas negras visando alterar o mercado de trabalho do setor. Porém, essas experiências, principalmente as ocorridas nos eventos de maior porte e divulgação, têm deixado resultados que transformam não apenas a vida profissional de seus participantes.

41 Profissional negra de TI idealizadora, integrante do coletivo e sócia do AfroPython. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 02 de março de 2023.

42 Profissional negro de TI idealizador, integrante do coletivo e sócio do AfroPython comentando sobre os modos de organização e apresentação do coletivo. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 10 de março de 2023.

43 Profissional negro de TI idealizador, integrante do coletivo e sócio do AfroPython. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 10 de março de 2023

Essas ações têm impactado nas trajetórias pessoais desses participantes, aumentando suas redes de relacionamentos e estabelecendo novos laços afetivos possibilitados pelos sentimentos de pertencimento e reconhecimento étnico estimulados nos ambientes desses eventos.

5.7 Quilombo digital

Durante as conversas com os colaboradores desta pesquisa percebo em suas falas que a mobilização em propagar as ações do AfroPython na busca por transformar o mercado de trabalho de TIC para pessoas negras nas relações de trabalho e emprego não é a única motivação. Compartilhar os efeitos que essas ações tiveram em suas trajetórias pessoais, na construção de autoidentificação e de pertencimento étnico-racial e o potencial de transformação social e de ferramenta antirracismo, são aspectos que também têm grande força de mobilização para esses profissionais.

“Eu acho que AfroPython foi minha primeira experiência de aquilombamento, digamos assim, né? Que eu realmente me vi num grupo. Meus pais até estranharam: mas tu só saía com pessoas brancas, mas o que é isso? Eles mesmos estranharam porque eu nunca tinha vivenciado esse coletivo mesmo, né?”

O segundo ponto que talvez seja mais importante é toda uma construção de afetividade mesmo. Eu sempre fui uma pessoa que não tinha essa afetividade comigo mesma. Então, acho que também teve uma construção de autoestima e de poder me enxergar nas outras pessoas. Entender que sim, eu era válida. E sim, eu tinha direito a ter um círculo de apoio, uma rede de apoio bem construída. Que eu tinha, sim, direito de ser amada. Então, também teve todo esse processo no AfroPython. Também as relações de amizade. Também algumas até de relacionamento afetivo, que eu tive a partir da minha experiência com o grupo me fizeram “afrocentrar” minhas relações.”⁴⁴

Assim, essas pessoas negras quando se sentem acolhidas pelo coletivo onde se referenciam e se identificam, também conseguem mais facilmente identificar a presença de outras pessoas negras em diferentes espaços, e de maneira crítica questionar os lugares que essas estão ocupando.

“Eu acabei tendo um olhar mais intencional também para onde estão essas pessoas. Então, cada vez que eu entrava em uma empresa, uma instituição, eu sempre me procurava. Cadê as pessoas mais parecidas comigo? Onde é que elas estão aqui? O que está acontecendo? É a instituição que não está trazendo essas pessoas? O que está acontecendo? Então, acho que esse olhar, ele acabou mudando muito, e mudou muito também essa régua? De tá então: o

⁴⁴ Profissional negra de comunicação que atua em empresas de tecnologia e voluntária em edições do AfroPython. Referindo-se às mudanças de percepção de mundo, resultantes de seu envolvimento com o AfroPython. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 03 de março de 2023.

estabelecimento aqui não tem tantas pessoas pretas. Então, não é um lugar que eu me sinta confortável. Não é um lugar que eu vou estar gastando meu dinheiro. Prefiro entrar numa outra instituição que eu sei que vão ter outras pessoas ali.”⁴⁵

Estes sentimentos de identificação étnica, de pertencimento, de referência entre membros do grupo, de sociabilidade, de construção de narrativas contra-hegemônicas e de acolhimento, são definidos pelos integrantes do coletivo, como já mencionei, de acordo com as suas concepções de comunidade ou de movimento social. Mas, por vezes, a ideia de “quilombo digital” também é utilizada para se referir a essas práticas e sentimentos coletivos.

“AfroPython é um ‘quilombo digital’. Então a gente não é um quilombo físico, a gente não tá fisicamente num espaço. Mas essa comunidade que eu estou falando, que eu estou tentando explicar, acho que o melhor termo que descreve é o ‘quilombo digital’. Então, a gente se junta, a gente se organiza para enfrentar o racismo, lidar com a dificuldade que tem lá fora do quilombo. E para isso a gente precisa estar muito forte. E para fortalecer o quilombo a gente tenta fortalecer os indivíduos do quilombo, e preparar esses indivíduos. Então, dentro do quilombo não é esperado que se encontre racismo. Isso é algo que a gente vai enfrentar lá fora, porque dentro do quilombo, a gente vai se organizar e vai se preparar para lidar com esse racismo.”⁴⁶

A partir desses modos de agir e de pensar compartilhados pelo grupo, seus integrantes se mobilizam em seus diversos espaços de ação, ampliando a rede, atuando sobre novos ambientes de trabalho e convívio e criando associações. Como o caso da minha interlocutora, que não atua mais no AfroPython diretamente por conta de sua agenda profissional, mas que ainda mantém uma

45 Profissional negra de TI idealizadora, integrante do coletivo e sócia do AfroPython. Comentando sobre como a participação no grupo lhe desenvolveu uma visão mais crítica da sociedade. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 02 de março de 2023.

46 Profissional negro de TI idealizador, integrante do coletivo e sócio do AfroPython. Referindo-se a como grupo se organiza e se autoidentifica. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 10 de março de 2023

relação de afinidade com os modos de agir e pensar dos integrantes do grupo.

“Hoje eu tento trazer essa experiência de aquilombamento para os espaços que eu tento ocupar, né? Por exemplo, no lugar que eu trabalho hoje é uma empresa de tecnologia e eu estou numa posição de gestão. Como coordenadora de comunicação. E a primeira coisa que eu defini, quando eu entrei é que todas as pessoas do time seriam pessoas negras. É um time pequeno, ainda somos três pessoas, mas todas as vagas, tudo que a gente aplica dentro do grupo, do time, enquanto construção de comunicação a gente sempre tenta trazer a nossa narrativa dentro disso, uma narrativa um pouco mais interseccional.”⁴⁷

Ao colocar em prática uma agenda antirracismo que através da formação, do compartilhamento de trajetórias de profissionais negros e do acesso a vagas e auxílio a implementação de ações afirmativas em empresas de tecnologia, o AfroPython busca mudar a situação do mercado de trabalho em TIC, ao mesmo tempo esses processos auxiliam o desenvolvimento de uma população negra como consumidora mais crítica de produtos e serviços em tecnologia.

5.8 Combatendo os vieses

Se estamos imersos em um mar de tecnologia, como mencionou um dos colaboradores dessa pesquisa, é melhor que saibamos avaliar a qualidade desta água. Se camadas da população ou comunidades inteiras têm dificuldades para usufruírem da tecnologia que as cerca, temos um problema que tende a piorar com a constante automatização de serviços. Por exemplo, alguns serviços básicos de assistência pública já passam por processos totalmente automatizados (pedidos de concessão de benefícios e auxílios), então a falta de acesso às tecnologias e à conectividade ou desconhecimento de como usar essas ferramentas impedem a fruição de uma cidadania plena e dificultam o convívio em sociedade. Esta situação pode ser considerada análoga ao analfabetismo. Assim, como o analfabeto funcional, que lê e escreve, mas tem dificuldade de interpretar um texto simples, apenas acessar redes sociais e compartilhar mensagens está longe de um uso consciente da tecnologia. Além disso, esse uso acrítico da tecnologia, o desconhecimento de seus processos de desenvolvimento e a crença em sua neutralidade deixam o usuário mais vulnerável a manipulações de seus dados, criando necessidades de consumo, restringindo a pluralidade de informações e

⁴⁷ Profissional negra de comunicação que atua em empresas de tecnologia e voluntária em edições do AfroPython. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 03 de março de 2023.

promoção de ideias e ajudando a disseminar representações negativas de grupos não hegemônicos ou periféricos.

Buscando aumentar a diversidade das equipes de trabalho, com a presença de mulheres e homens negros, e discutindo em seus eventos presencias e *online* os efeitos positivos da incorporação de múltiplas visões de mundo e valores na tecnologia, os ativistas do AfroPython resistem e expõem à incorporação de valores da branquitude no desenvolvimento de produtos e serviços tecnológicos. Branquitude que diz respeito a um conjunto de práticas culturais não marcadas e não nomeadas, ou seja, silenciadas e ocultadas enquanto práticas culturais. Mas que funcionam como um ponto de vista do qual pessoas brancas olham a si mesmas, os outros e à sociedade (Bento, 2022. p.62). Este posicionamento do grupo e reflexão de seus membros são percebidos em comentários como:

“Eu acho que tudo que é produzido, independente do que, em qualquer área, ele é um resultado das pessoas que estão fazendo. Então se a gente está fazendo uma comunicação, uma tecnologia que é pensada por pessoas que estão em posições de poder ou de conforto, digamos assim, social as pessoas vão reproduzir o que elas conhecem. E o que elas conhecem não representa a totalidade, né? Então, acho que a gente perde com essa baixa representatividade é a capacidade de ampliar, e trazer talvez, uma fotografia mais real das coisas que são representadas ali.

Então, acho que produções com pessoas que não representam a fotografia, por exemplo, do Brasil. Acabam trazendo produtos, campanhas e comunicações com um viés muito grande o que muitas vezes são viés inconscientes, mas muitas vezes as pessoas colocam ali a sua visão de mundo justamente para manter as coisas como estão.”⁴⁸

As ações mobilizadas pelos atores ligados ao AfroPython ao promoverem a construção de uma auto-identificação positiva de pessoas negras, mitigando os efeitos subjetivos do racismo, criando o sentimento de coletividade e pertencimento nesses indivíduos através dos fóruns virtuais, publicações *online*, palestras e oficinas de modo presencial, não apenas preparam essas pessoas para o mercado de trabalho em tecnologia (fornecendo ferramentas técnicas e de enfrentamento ao racismo), mas também as ajudam a elaborar o pensamento crítico sobre os produtos e os serviços de tecnologia dos quais utilizam. Assim, podendo identificar e denunciar a prática e a reprodução do racismo (direta ou indireta) em produtos e serviços desenvolvidos por empresas de TIC. Esse duplo movimento de pessoas negras atuando de forma mais crítica e combativa contra o racismo enquanto

⁴⁸ Profissional negra de comunicação que atua em empresas de tecnologia e voluntária em edições do AfroPython, em depoimento sobre a baixa presença de pessoas negras no mercado de TIC. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 03 de março de 2023

profissionais e consumidores de tecnologia é fundamental para uma mudança de cenário no mercado de trabalho de TIC. Segundo um dos meus interlocutores a falta de interesse, ou as barreiras que impedem o interesse de pessoas negras em tecnologia, causam um tipo de “círculo vicioso” entre mercado de consumo e mercado de trabalho.

“Acho que a falta das pessoas negras na área de tecnologia estava causando, ou deixando de contribuir, para que houvesse um acesso das pessoas negras tanto como profissionais da área como consumidores de produtos da tecnologia também, né? Estavam os dois lados do balcão vazios de pessoas negras. Então, a tecnologia não empregava o profissional negro e a tecnologia não oferecia o produto para pessoas negras.”⁴⁹

Um exemplo de como vieses incorporados ao desenvolvimento de um produto podem ajudar a construir subjetividades de supremacia racial branca ou de heteronormatividade negando outras existências ou estigmatizando-as está no relato de uma das minhas interlocutoras que desenvolve jogos eletrônicos ao falar sobre a criação de personagens femininos.

“Porque as roupas das mulheres são mais curtas que as dos homens? Porque a gente não pode deixar uma mulher careca na personalização do personagem? Porque a gente não pode botar barba num corpo que é mais feminino, sabe? Então, todo esse tipo de discussão se a gente não tivesse pessoas diversas para dar os seus pontos de vista elas não aconteceriam. Porque a gente só valeria a boneca é assim, assim, assim e tal e tá ótimo, sabe. Então, a gente vê isso muito, até nos jogos AAA⁵⁰ famosos, você vai ver que a mulher é uma guerreira medieval que ela está basicamente com um biquíni de ferro e o cara está com uma armadura completa.”⁵¹

A mesma lógica irá afetar a construção de personagens negros de um jogo, quando a falta de diversidade da equipe pode inserir na narrativa elementos caricaturais, estereotipados e carregados de estigmas e racismo enviesado (racismo algorítmico).

“Se o jogo se molda dessa forma ele vai criar um público específico, entende. Então, quem é que ri disso? Tu fez isso daqui para ser super engraçado, quando na verdade era uma coisa ofensiva. Então, a pessoa que de fato é atingida por aquilo ali, não estava participando do desenvolvimento do jogo provavelmente, sabe? E aí, a pessoa que está rindo daquela piada provavelmente não é a pessoa que talvez tu queria atingir botando um personagem negro ali, entendeu? Então, vai criar uma comunidade do jogo que vai discutir sobre o jogo. E aí, vai trazer mais pessoas para jogar, que são mais pessoas que se identificam com elas. E aí,

49 Profissional negro de TI e colaborador voluntário em edições do AfroPython referindo-se a baixa presença de pessoas negras no mercado de trabalho de TIC. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 07 de março de 2023.

50 Triple A, ou Triplo A. Linguagem utilizada na indústria dos jogos eletrônicos para designar projetos de grande orçamento investido em desenvolvimento e marketing.

51 Profissional negra em desenvolvimento de jogos eletrônicos participante da AfroPython Conf 2019. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 04 de março de 2023.

as pessoas que estão fazendo o jogo vão fazer isso mais frequentemente, porque elas acham que está dando super certo. O próprio *marketing* do jogo vai se direcionar pra isso.”⁵²

Tensionar as empresas de TIC de maneira interna, com profissionais questionando sempre que possível as ações excludentes ou enviesadas, e externa, através da denúncia de consumidores, pesquisadores e coletivos atentos às reproduções e manifestações do racismo na tecnologia e nos meios informacionais são estratégias colocadas em prática pelo AfroPython. Com isso busca-se transpor a resistência imposta à inserção de pessoas negras neste mercado de trabalho carregado de simbologia.

“Então, existem, várias empresas, pessoas, comunicadores que não tem uma equipe diversa, e isso muitas vezes de certa forma é proposital. Porque quando a gente começa a incluir novas narrativas, novas vivências, não só de pessoas negras, mas mulheres, pessoas trans, a gente começa a quebrar esse *status quo* a gente começa a dissolver algo que mantém essas pessoas no espaço de poder.”⁵³

Motivar pessoas negras a superarem barreiras e visualizarem a formação e a atuação no mercado de TIC como uma possibilidade, e preparar novos profissionais negros para enfrentarem as dinâmicas de poder desses espaços são tarefas que os organizadores do AfroPython acreditam que sejam alcançadas com o compartilhamento de experiências e o acolhimento para o fortalecimento desses indivíduos amparados no coletivo.

“Eu acho que o grande diferencial do AfroPython para além da parte técnica, que eu acho que a parte técnica já é ensinada como uma perspectiva interseccional. Eu acho que isso é importante para gente trazer essa equidade, e essa cultura de diversidade para dentro do código e olhar: isso pode enviesar tal coisa. Eu acho que já traz o ensino a parte técnica assinalando os vieses que podem acontecer na construção do software do desenvolvimento da solução. Mas eu acho que tem outra coisa que é muito interessante que rodeia esse ecossistema dos eventos principais, mas acho que teve muito na Conf, também nas *lives* que tem nos vídeos do *YouTube*, nos *podcast* etc, que é essa preparação para adaptabilidade. Porque por mais que essas pessoas tenham a formação técnica, elas vão para o mercado só que nem sempre elas vão estar na empresa legal e descolada que tem piscina de bolinha que diz que gosta de diversidade. Tem lugares que as pessoas já vão chegar nitidamente mal-recebidas. Então, eu acho que o diferencial da formação do AfroPython é apoiar nessa construção de cenário, tá: quando a gente chegou na área de tecnologia e agora o que a gente faz?”⁵⁴

52 Profissional negra em desenvolvimento de jogos eletrônicos participante da AfroPython Conf 2019. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 04 de março de 2023.

53 Profissional negra de comunicação que atua em empresas de tecnologia e voluntária em edições do AfroPython, em depoimento sobre a baixa presença de pessoas negras no mercado de TIC. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 03 de março de 2023.

54 Profissional negra de comunicação que atua em empresas de tecnologia e voluntária em edições do AfroPython, em depoimento sobre as formações e conteúdos desenvolvidos pelo grupo. Entrevista realizada através de aplicativo de videoconferência em 03 de março de 2023

A ação dos ativistas do grupo não busca dar respostas prontas para as perguntas que surgirão na trajetória de cada profissional que estão ajudando a inserir no mercado. Mas procura prepará-los para produzir suas próprias respostas através das experiências compartilhadas por outros profissionais e pelo senso de comunidade.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca desta pesquisa em analisar como profissionais negros de TIC se mobilizam e agem contra o racismo em seus ambientes de trabalho e espaços informacionais e digitais a partir da análise das práticas de atuação e mobilização antirracista do AfroPython, me levou a caminhos dos quais pude atentar a questões tão presentes no nosso cotidiano, quanto invisibilizadas ou normalizadas. As violências diretas decorrentes do racismo, como as agressões físicas, psicológicas e morais têm mobilizado vários setores da sociedade além dos ativistas negros. As consequências de uma ideologia supremacista branca têm sido estudadas e várias disciplinas das ciências humanas denunciam seus reflexos na organização de nossas estruturas institucionais sociais, políticas e econômicas. No entanto observar por meio do diálogo com os colabores desse trabalho a reprodução dessas dinâmicas de poder em setores que desenvolvem produtos e serviços que serão apresentados ao público consumidor revestidos de uma “neutralidade social” é especialmente preocupante.

Vale ressaltar que, ao evidenciar que os efeitos subjetivos da ideia de que os ambientes de trabalho em TIC são espaços “neutros”, porém inacessíveis à profissionais negros, transmitem a essas pessoas o falso entendimento de incapacidade. Isso resulta na diminuição do interesse dessa população em um setor cada vez mais importante na vida contemporânea. A falta de diversidade racial no setor de tecnologia reproduz desigualdades raciais, sociais e históricas brasileiras, refletindo-se na reprodução de preconceitos em seus produtos e serviços, colaborando com a propagação de identidades negativas vinculadas à população negra. Demonstrando que a tecnologia é um dos modos de atualização das desigualdades já existentes e os ambientes onde estas são desenvolvidas também reproduzem o racismo institucional e estrutural de nossa sociedade. Portanto, é preciso pesquisar como essas relações de poder e manifestações de racismo se dão nesses espaços.

Os profissionais e ativistas associados ao coletivo AfroPython buscam alterar o mercado de trabalho de TIC, procurando diminuir as barreiras que impedem um contingente maior de pessoas negras de ingressarem nessa atividade profissional, focando suas mobilizações no compartilhamento dos conhecimentos adquiridos dentro dos ambientes das empresas de tecnologia e nas experiências adquiridas durante suas formações acadêmicas e técnicas. Comportando-se como hackers⁵⁵, eles

⁵⁵ Na matriz do pensamento *hacker* está enraizada a ideia de que as informações, inclusive o conhecimento, não devem ser propriedade de ninguém (Silveira, 2010,p.34). Um pensamento típico-ideal do hacktivismo passa por considerar que o custo da liberdade é o conhecimento (Silveira, 2010 p.38).

agem sobre um sistema que tenta impedir a presença de pessoas negras, sua autonomia e sua liberdade, dificultando o acesso ao conhecimento e a postos de trabalho.

Os repertórios de luta desses ativistas e suas associações apontam desdobramentos e possibilidades contemporâneas para o ativismo desde uma perspectiva racial no Brasil. Que mesmo em grupos mais fluídos e dispersos, ainda tem em seus ativistas o desejo de transformação da sociedade através da emancipação individual, da ocupação de diferentes espaços sociais e a formação de coletivos para o fortalecimento da comunidade dentro desses espaços. Analisar as experiências de coletivos de ativistas como o AfroPython, cuja atuação se estabelece na área de tecnologia, colabora para o acréscimo aos poucos estudos brasileiros em Ciências Sociais desenvolvidos com esta temática. Experiências de ativismo em tecnologia que se apresentam como um novo campo de estudos nas Ciências Sociais, com muitas possibilidades para pesquisas mais aprofundadas no futuro sobre esse coletivo formado em Porto Alegre, e outros tantos, formados em outras cidades do Brasil com atuação semelhante.

Desde meu contato inicial com o AfroPython, em abril de 2018, pude observar, através da participação em eventos presenciais e *online*, e reiterar nas conversas com meus interlocutores, o quanto é importante para seus integrantes o sentimento de segurança que o acolhimento no interior do grupo proporciona. A ideia de “aquilombamento” trazida por alguns desses interlocutores dá uma dimensão disso. Onde, no espaço do quilombo, a comunidade fortalece o indivíduo através do afeto e do encorajamento, fortalecendo-o para o que vai encontrar fora dos seus limites. O trabalho de campo desta pesquisa, mesmo que *online*, mediado por aplicativo de videochamada, também se localizou em uma zona de segurança equivalente ao quilombo de meus interlocutores. Esta condição foi construída pela convivência anterior nos espaços dos eventos presenciais, pelo conforto e segurança que estar em seu próprio ambiente ao conversar remotamente proporciona, e pela identificação racial entre nós. Assim, como nas dinâmicas que acontecem no AfroPython muitas vezes estes relatos foram emocionais e íntimos. Reveladores da situação, como uma de minhas colaboradoras comentou, de poder falar sem a necessidade de maiores explicações, pois, ela tinha a certeza que quem a estava ouvindo, estava entendendo o que ela queria dizer. Enquanto pesquisador negro, pertencente a um grupo marginalizado, assim como os colaboradores desta pesquisa, acredito, como afirma Collins (2016), poder enriquecer o discurso sociológico contemporâneo, trazendo para o cen-

tro da minha análise aspectos apagados por abordagens mais ortodoxas, ao mesmo tempo em que o pensamento sociológico me oferece formas de ver a realidade vivenciada e traduzi-la teoricamente.

Por fim, a partir do protagonismo, e da agência de um grupo de profissionais negros de TIC, que enfrenta o racismo buscando soluções para inserir pessoas negras no mercado de trabalho de tecnologia, esta pesquisa contribui para os estudos étnicos-raciais que visualizam e procuram combater o uso da tecnologia como ferramenta de discursos de supremacia racial que legitimam desigualdades sociais.

Referências Bibliográficas

AFROPYTHON. AfroPython: **Empoderamento da comunidade negra de tecnologia**. Código de Conduta. Disponível em <<https://afropython.org/codigo-de-conduta/>>. Acesso em: 07 de abril de 2023

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. Polén: São Paulo, 2019.

BALLESTER, Candice dos Santos, [et al]. **Dossiê de Candidatura da Serra da Barriga, Parte Mais Alcantilada – Quilombo dos Palmares a Patrimônio Cultural do MERCOSUL /** São Carlos: Editora Cubo, 2017.

BALLESTRIN, Luciana. (2020), "O Sul Global como projeto político". *Horizontes ao Sul*. Disponível em: <<https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/06/30/O-SUL-GLOBAL-COMO-PROJETO-POLITICO>>

BENJAMIN, Ruha. Retomando nosso fôlego: estudos de ciência e tecnologia, teoria racial crítica e a imaginação carcerária. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos**. LiteraRua: São Paulo, 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras: São Paulo, 2022.

BLOOR, David. **Conhecimento imaginário e social**. UNESP, 2009.

BORGHI, Juliana. **NetAtivismo no Século XXI: O Fortalecimento Dos Movimentos Sociais Na Hastag “Black Lives Matter”**. Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em MídiaTização e Processos Sociais, v. 1, n. 4, abr. 2021. Disponível em: <<http://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1318>>

CHAGAS, A. M.; SANTOS, L. S. **Negros, Internet E Ciência: A Representatividade E Suas Webconexões**. Revista Interfaces Científicas – Educação v. 10, n. 2, p. 179–192, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9268>>

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>>. Acesso em: 9 abr. 2023

DA SILVA, Mozart Linhares; ARAÚJO, Willian Fernandes. **Biopolítica, racismo estrutural-algorítmico e subjetividade**. Educação Unisinos, v. 24, p. 1-20, 2020.

DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, [S. l.], n. 86, p. 28-39, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i86p28-39. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13811>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

GILLESPIE, Tarleton. **A Relevância Dos Algoritmos**. Parágrafo v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr: São Paulo: 2018.

Google Fotos identifica pessoas negras como ‘gorilas’. Terra, 2015. Disponível em <<https://www.terra.com.br/byte/google-fotos-identifica-pessoas-negras-como-gorilas,1fc48c2b7559103e43ef44dcdc16787e12t0RCRD.html>>

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos pagu, n. 5, p. 7-41, 1995.

IBGE. **Pesquisa Nacional Por Amostragem De Domicílios Contínua – Acesso À Internet E À Televisão E Posse De Telefone Móvel Celular Para Uso Pessoal 2019**. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf>

IBGE. **Estudos e Pesquisas. Informações Demográfica e Socioeconômicas**. N41, 2019. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>

Levantamento revela que 90,5% dos presos por monitoramento facial no Brasil são negros. The Intercept Brasil, 2019. Disponível em <<https://www.intercept.com.br/2019/11/21/presos-monitoramento-facial-brasil-negros/>>

LATOUR, Bruno. **Reagregando O Social. Uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

MOL, Annemarie. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. **Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência**. Edições Afrontamento: 2008

PENNA, Camila. **Movimentos e estado como coletivos instáveis e heterogêneos: uma agenda teórico-metodológica a partir de três estudos de casos**. Civitas 20 (3): 499-512, set.-dez. 2020.

PIMENTA, Ricardo M. **Big data e controle da informação na era digital. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, 2013.

ROSHANI, Niousha. Discurso De Ódio E Ativismo Digital Antirracismo De Jovens Afrodescendentes No Brasil E Colômbia. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos**. LiteraRua: São Paulo, 2021.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: Microagressões e Discriminação Em Código. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos**. LiteraRua: São Paulo, 2021

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. Edições Sesc: São Paulo, 2022. Edição do Kindle.

SILVA, Tarcízio. **Visão computacional e racismo algorítmico: branquitude e opacidade no aprendizado de máquina.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 31, fev. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/744>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SIMÕES-GOMES, Leticia. ROBERTO, Enrico, e MENDONÇA, Jônatas. **Viés algorítmico – um balanço provisório.** *Estudos De Sociologia*,25(48): 2019. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13402>>

WINNER, Langdon. **Artefatos tem política?** *Analytica*, vol 21 nº 2. Rio de Janeiro: 2017

APÊNDICES

Roteiro De Entrevistas

Para analisar as práticas de grupos de profissionais negros em TIC atuantes na luta antirracista, tomando como estudo de caso o grupo AfroPython formado em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), foi necessário ir a campo para a coleta de dados que contemplassem o cumprimento dos objetivos dessa pesquisa. Para a análise da trajetória do grupo AfroPython e de como seus integrantes percebem e reagem ao racismo, além de coletar material de divulgação do grupo e publicações *online* para análise de discurso, também entrevistei integrantes do grupo a partir de um roteiro semiestruturado de perguntas. Orientado pela Teoria Ator-Rede esse roteiro buscou auxiliar na compreensão de como o grupo se autodefine através da identificação de seus antagonistas, da identificação dos problemas a serem resolvidos pelo grupo e as soluções propostas pelo grupo a esses problemas.

Para tanto o roteiro foi segmentado em tópicos com a seguinte estrutura:

1 – Trajetória do Grupo

Neste tópico foram apresentadas questões que estimulassem o entrevistado a conversar sobre a trajetória do grupo AfroPython a partir de sua relação como integrante e/ou participante de eventos promovidos pelo grupo. O tópico se subdivide por um conjunto de perguntas introdutórias sobre a trajetória pessoal do entrevistado e sua relação com tecnologia (interesse, atuação, formação, expectativas, etc) e questões relacionadas a experiência do entrevistado com o grupo pesquisado. Busquei com a análise destas respostas elementos de autoidentificação dos membros do grupo, e de autoidentificação do grupo por seus membros, ainda investigar as associações destes indivíduos com o grupo e suas atuações na rede.

Perguntas:

1 - Você pode me contar um pouco sobre sua trajetória de formação e atuação profissional?

2 – Qual o seu maior interesse na área de tecnologia?

3 - Para você quais são os maiores desafios em sua área de atuação/formação ou interesse em tecnologia?

4 – Você pode me contar como você chegou até o AfroPython?

5 – Você pode me contar um pouco sobre seu envolvimento com o AfroPython? Por exemplo, sobre como você participa do grupo, ou se já participou de algum dos eventos e como foi essa participação.

6 - O que te levou a participar de uma atividade promovida pelo AfroPython, ou a fazer parte de um grupo como o AfroPython?

2 – Percepção De Problemas

Este tópico apresentou questões que estimulassem os entrevistados a conversarem sobre suas percepções sobre problemas enfrentados por pessoas negras nos ambientes de trabalho, formação técnica e acadêmica em tecnologia e nos ambientes informacionais. A fim de entender como os integrantes do grupo percebem esses problemas individualmente e/ou enquanto grupo.

Perguntas:

1.1 - No seu ambiente de trabalho e na sua trajetória de formação profissional como era a presença de pessoas negras em relação à presença de pessoas brancas? Se não atua, nem estuda, apenas tem interesse como imagina que seja essa presença de pessoas negras em tais ambientes?

1.2 - Se a resposta anterior for “menor”: a que você atribui essa situação? Se a resposta for “igual/maior”: você acha que essa é uma situação comum?

1.3 – você já vivenciou ou presenciou casos de racismo no trabalho ou durante seu período de formação profissional?

2 – Na tua experiência de que maneira a presença de pessoas negras – ou a baixa presença delas – no mercado de trabalho e nos cursos de formação relacionados às TICs afeta, ou influencia nos produtos desenvolvidos?

3 - Fazer parte do grupo AfroPython/ter participado de atividade promovida pelo grupo AfroPython fez você pensar/questionar sobre a presença de pessoas negras na tecnologia e o racismo? Como a tua percepção sobre o assunto mudou desde então?

3 – Identificação de Antagonistas

Neste tópico a intenção foi a de que os entrevistados, associados ao grupo AfroPython, pudessem trazer para a discussão elementos que identificassem seus antigrupos ou antagonistas, reforçando sua própria autoidentificação. Entendendo o grupo composto por pessoas negras que atuam na área de tecnologia como desfavorecido (como mão de obra, mas também como consumidor), as questões buscam identificar quais podem ser os grupos favorecidos e quais setores da sociedade criam, mantêm ou fortalecem esses favorecimentos.

Perguntas:

1 – Na tua experiência você acha que o setor (desenvolvimento de produtos)/mercado de trabalho de tecnologia tem se demonstrado interessado em diversidade racial? Porquê?

1.1 Para os profissionais da área de TIC. Na tua experiência como profissional negro na área de TIC, quais foram os principais obstáculos que vocês enfrentou na tua carreira?

2 - Você acredita que “alguém” se beneficia com o atual cenário de pouca diversidade racial na tecnologia?

3 - Que tipo de mudanças você gostaria que ocorressem no dia a dia no ambiente de trabalho, nas políticas de seleção de empresas e até nas políticas de governo para que tivéssemos mais pessoas negras atuando na área de produção de tecnologia no Brasil?

4 – Produção de Respostas/Soluções

Este momento da entrevista buscou abrir espaço para que os entrevistados falassem sobre ações e propostas para soluções dos problemas elencados no tópico anterior. Também nestas respostas busquei identificar o engajamento dos entrevistados a campanhas, ações, manifestações e atividades do grupo, o que também possibilitou identificar a força de suas associações e de suas atuações em rede.

Perguntas

1 – Você pode contar um pouco sobre o que o AfroPython tem atuado para contribuir para a formação de profissionais negros na área de TIC?

1.1 - De que forma você acha que um ambiente de aprendizado e de compartilhamento de experiências profissionais e pessoais, pensado e voltado para pessoas negras, pode influenciar nesse aprendizado?

2 – Além de fornecer formação técnica, quais outras estratégias o grupo tem desenvolvido para promover a inserção de profissionais negros nesse mercado de trabalho? Ou, E o que você acha que pode ser feito para inserir pessoas negras neste mercado de trabalho?

3 - O que, para além da formação mais técnica, quais outras experiências de aprendizado o AfroPython te proporcionou?

Sobre o Roteiro de Perguntas

Por se tratar de um roteiro para uma entrevista semiestruturada houve espaço para desdobramentos de cada resposta em possíveis outras perguntas intermediárias, ou exclusão de algumas perguntas, cujas as respostas já haviam sido identificadas, a fim de manutenção da melhor fluência da conversa. A última pergunta de cada tópico tem efeito no roteiro de uma “transição” para o próximo tópico.